

Estrategia

CONCURSOS

Aula 09

Português p/ INSS - Técnico do Seguro Social

Professor: Fabiano Sales

AULA 09

Olá, vitoriosos alunos! Muito ânimo, porque a **classificação é de vocês!**

Na **aula 09**, penúltimo encontro de nosso **Curso de Português para o Instituto Nacional da Seguridade Social**, apresentarei os comentários às seguintes provas:

- **Auxiliar de Fiscalização Financeira, do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo – 20 questões;**

- **Oficial de Chancelaria, do Ministério das Relações Exteriores – 25 questões ; e**

- **Analista de Controle Externo, do Tribunal de Contas do Estado do Amapá – 20 questões.**

“Algo só é impossível até que alguém duvide e acabe provando o contrário”.

(Albert Einstein)

Venham comigo!

AUXILIAR DE FISCALIZAÇÃO FINANCEIRA (TCE/SP)

Atenção: As questões de números 1 a 6 baseiam-se no texto seguinte.

Quando se tem em conta que 50% do território nacional é ocupado pelo bioma Amazônia e que 60% do potencial elétrico do país ainda por aproveitar se localiza nessa área, pode-se intuir as dificuldades que enfrenta a expansão da hidreletricidade no Brasil.

De fato, a Amazônia é, de um lado, um bioma reconhecidamente sensível e de elevado interesse ambiental. De outro, constitui a fronteira hidrelétrica, ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.

As questões que se contrapõem são basicamente duas: 1) Pode o país abrir mão de preservar a Amazônia, de cuidar soberanamente das suas fragilidades e de toda a riqueza de sua biodiversidade, e de deixar um legado de interesse para toda a humanidade?; 2) Pode o país abrir mão de uma vantagem competitiva relevante representada pela hidreletricidade, sendo esta uma opção energética limpa, renovável, barata e de elevado conteúdo nacional, o que significa baixa emissão de carbono, geração de empregos e dinamismo econômico doméstico?

Sem dúvida, não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos. Análise rasa baseada em uma ótica ultrapassada, na qual projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis, sugere que esse duplo objetivo é inatingível. Mas isso não tem de ser assim. Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.

Por óbvio, qualquer projeto hidrelétrico deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados. Conciliar as duas questões básicas é possível. Demanda inovação, novas soluções construtivas, esquemas operativos diferenciados, identificação de áreas a serem preservadas, responsabilização dos atores envolvidos, vontade política e ampla discussão da sociedade - são esforços que podem ser feitos na direção de conciliar os imperativos de se preservar a Amazônia e desenvolver seu potencial elétrico.

Por fim, não é demais lembrar que renunciar a esse potencial significa decidir que a expansão do consumo de energia dos brasileiros será atendida por outras fontes, não necessariamente mais competitivas ou de menor impacto ambiental.

(Maurício Tolmasquim. **CartaCapital**, 7 de setembro de 2011. p.61, com adaptações)

1. Percebe-se no texto:

- (A) concordância com a noção de que é necessário encontrar novas fontes energéticas na Amazônia, além das hidrelétricas, para atender à expansão do consumo.
- (B) crítica a uma corrente que desconsidera a preservação do ambiente natural, o que, por sua vez, deveria tornar-se meta prioritária, apesar da necessária geração de energia elétrica.
- (C) defesa da construção de hidrelétricas na região amazônica, desde que sejam feitos estudos e tomadas medidas adequadas de preservação ambiental.
- (D) preocupação em torno da eventual instalação de usinas hidrelétricas na região amazônica, que poderão comprometer a riqueza de sua biodiversidade.
- (E) proposta de importantes medidas de preservação ambiental na Amazônia, com a substituição das hidrelétricas por outras fontes energéticas.

Comentário: Questão sobre compreensão textual, cuja resposta se encontra expressa na superfície do texto. Percebe-se que o autor discorreu favoravelmente à instalação de usinas hidrelétricas na região Amazônica. Contudo, essa construção não deve ser desregrada ou desmedida; ela deve ser combinada ao fator de preservação ambiental. No decorrer do texto, o autor sugere soluções que permitam o binômio exploração *versus* preservação. Essa afirmação pode ser corroborada por meio dos seguintes excertos:

- “(...) a Amazônia é, de um lado, um bioma reconhecidamente sensível e de elevado interesse ambiental. De outro, constitui a fronteira hidrelétrica, ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.”

- “Projetos hidrelétricos, quando instalados em áreas habitadas, podem constituir-se em vetores do desenvolvimento regional. Quando instalados em áreas não habitadas podem constituir-se em vetores de preservação dos ambientes naturais.”

- “Por óbvio, qualquer projeto hidrelétrico deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados. Conciliar as duas questões básicas é possível.”

Gabarito: C.

2. Mas isso não tem de ser assim. (3o parágrafo)

O pronome grifado acima refere-se, considerado o contexto,

(A) às dificuldades que impedem a expansão da hidreletricidade no Brasil.

(B) aos múltiplos interesses contrários à manutenção da biodiversidade da região amazônica.

(C) aos vetores de desenvolvimento regional, com geração de empregos.

(D) à impossibilidade de aliar construção de hidrelétricas e preservação da Amazônia.

(E) a uma possível preferência por fontes alternativas de geração de eletricidade.

Comentário: A forma pronominal demonstrativa “isso” retoma informações anteriormente mencionadas no contexto, isto é, possui caráter anafórico. Na superfície textual, o aludido pronome faz referência ao excerto “*sugere que esse duplo objetivo é inatingível*”, constante do período anterior. E qual o duplo objetivo? Ora, por meio do contexto, percebe-se que o pronome “isso” retoma a ideia daqueles que consideram inviável a conciliação do binômio “exploração” *versus* “conservação” da região Amazônica. Logo, a assertiva (D) é a resposta da questão.

Gabarito: D.

3. O sentido do último parágrafo se contrapõe, em linhas gerais, ao que foi afirmado em:

(A) ... 60% do potencial elétrico do país ainda por aproveitar se localiza nessa área ...

(B) ... constitui a fronteira hidrelétrica, ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.

(C) ... sendo esta uma opção energética limpa, renovável, barata e de elevado conteúdo nacional ...

(D) ... projetos hidrelétricos provocam necessariamente impactos ambientais irrecuperáveis e não compensáveis ...

(E) ... qualquer projeto hidrelétrico deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.

Comentário: No último parágrafo do texto, o autor exprime a ideia de oposição entre outras fontes energéticas e aquelas advindas das usinas hidrelétricas. Em outras palavras, no decorrer do texto, Maurício (o autor) expõe um contraste entre aquelas “não necessariamente competitivas ou de menor impacto ambiental” e o potencial hidrelétrico da Amazônia, tendo esta última fonte energética caracteres de limpeza, renovação e menor custo. Portanto, a letra (C) é a resposta da questão.

Gabarito: C.

4. ... deve cuidar para que os impactos ambientais sejam mitigados e compensados.

O verbo flexionado nos mesmos tempo e modo em que se encontra o grifado acima está em:

- (A) Quando se tem em conta ...
- (B) ... ainda que nem todo o potencial lá existente venha a ser desenvolvido.
- (C) As questões que se contrapõem ...
- (D) ... não podemos abrir mão de nenhum dos dois objetivos.
- (E) ... que podem ser feitos na direção de ...

Comentário: No enunciado, o verbo “ser” está conjugado no presente do subjuntivo. Dentre as alternativas, aquela que contém verbo flexionado no mesmo tempo e modo é a assertiva (B). A forma verbal “venha” é proveniente do verbo “vir”, estando conjugada na terceira pessoa do singular do presente do subjuntivo.

Nas demais opções, temos:

- a) “tem” – presente do indicativo;
- c) “se contrapõem” – presente do indicativo;
- d) “podemos” – presente do indicativo;
- e) “podem” – presente do indicativo.

Gabarito: B.

5. ... que a expansão do consumo de energia dos brasileiros será atendida por outras fontes ...

Transposta para a voz ativa, a forma verbal grifada acima passará a ser:

- (A) atenderão.
- (B) atenderiam. (C) se atendesse. (D) serão atendidas.
- (E) deverá ser atendida.

Comentário: Inicialmente, vamos identificar as funções sintáticas na voz passiva. No período “... que a expansão do consumo de energia dos brasileiros será atendida por outras fontes ...”, temos:

a expansão do consumo de energia dos brasileiros – sujeito paciente. Ao verter a frase para a voz ativa, esse elemento desempenhará a função de **objeto direto** ;

será atendida – locução verbal de voz passiva. Reparem que o verbo auxiliar (“será”) está no futuro do presente do indicativo. Ao verter a frase para a voz ativa, esse tempo verbal deverá ser mantido, concordando em número com o sujeito da ativa;

por outras fontes – agente da passiva. Ao verter a frase para a voz ativa, esse elemento desempenhará a função de **sujeito**.

Segundo nos ensinam as lições gramaticais, haverá a seguinte conversão:

“(…) **a expansão do consumo de energia dos brasileiros** será atendida por outras fontes (…)” – voz passiva

Outras fontes atenderão **a expansão do consumo de energia dos brasileiros** – voz ativa

Portanto, o gabarito é a letra (A).

Gabarito: A.

6. *Esforços devem ser feitos no sentido de preservar a região Amazônica.*

O potencial elétrico da Amazônia deve ser desenvolvido.

Áreas devem ser oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais, por exemplo.

É preciso conciliar os objetivos que se contrapõem à exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia.

As frases acima articulam-se em um único período, com clareza, correção e lógica, em:

(A) Ainda que esforços devem ser feitos no sentido de preservar a região Amazônica e o seu potencial elétrico desenvolvido, com áreas que devem ser oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais, assim se concilia os objetivos que se contrapõem à exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia.

(B) O potencial elétrico da Amazônia deve ser desenvolvido, e com esforços no sentido de preservar a região Amazônica, sendo preciso conciliar os objetivos que se contrapõem à essa exploração, em áreas que devem ser oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais.

(C) Para conciliar os objetivos que se contrapõem a exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia, deve ser feito esforços no sentido de preservar a região Amazônica, com áreas de compensação aos efeitos dos impactos ambientais, onde esse potencial elétrico deve ser desenvolvido.

(D) O potencial elétrico da região Amazônica, que deve ser desenvolvido com áreas oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais, e com esforços no sentido de preservar essa região, sendo preciso conciliar os objetivos que se contrapõem a exploração do potencial hidrelétrico.

(E) É preciso conciliar os objetivos que se contrapõem à exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia, que deve ser desenvolvido, ao lado de esforços no sentido de preservar a região, como, por exemplo, a oferta de áreas que possam compensar os efeitos dos impactos ambientais.

Comentário: Ocorre a clara, correta e adequada articulação entre os períodos na assertiva (E). Inicialmente, o período é principiado pelo tópico frasal “É preciso conciliar os objetivos que se contrapõem à exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia”, pois ele exprime a informação básica do parágrafo. Em seguida, no trecho “o **potencial elétrico da Amazônia** deve ser desenvolvido”, a expressão destacada pode ser substituída pelo pronome relativo “que”, o qual fará referência à expressão “o potencial hidrelétrico da Amazônia”, constante da oração anterior. Assim, evita-se a repetição de vocábulos no período, proporcionando um perfeito encadeamento lógico. Posteriormente, o trecho “Esforços devem ser feitos no sentido de preservar a região Amazônica” apresenta relação direta com os segmentos precedentes, pois há um referencial anterior para a “região Amazônica”. Entretanto, para

evitar a repetição da mencionada região, a estrutura adequada (e adaptada) é “ao lado de esforços no sentido de preservar a região (Amazônica)”. Por fim, o período deve ser encerrado com exemplos que atenuem ou que proporcionem a conciliação entre os objetivos e a exploração dos efeitos causadores dos impactos ambientais, conforme se percebe no excerto “como, por exemplo, a oferta de áreas que possam compensar os efeitos dos impactos ambientais”.

Nas demais opções, temos:

A) O conectivo concessivo “ainda que” deve levar o verbo “dever” ao presente do subjuntivo: devam. Por fim, o restante do período não foi organizado de forma clara e coerente, conforme a junção entre as duas últimas orações “com áreas que devem ser oferecidas como compensação aos efeitos dos impactos ambientais, assim se concilia os objetivos que se contrapõem à exploração do potencial hidrelétrico da Amazônia.”

B) No trecho “à essa exploração”, o acento grave indicativo de crase foi empregado inadequadamente. Também houve a menção repetida à região “Amazônica”. O ideal seria empregar apenas o vocábulo “região”.

C) O verbo “contrapor-se” rege o emprego da preposição “a”, a qual se fundirá com o artigo definido “a”, antecedente do termo regido “exploração”. Assim, resulta no fenômeno da crase: “se contrapõem à exploração”. O período também apresentou erro de concordância no trecho “deve ser feito esforços”. O correto é “devem ser feitos esforços”, concordando em número plural com o sujeito “esforços”. Por fim, o vocábulo “onde” refere-se, no contexto, a “impactos ambientais”. Entretanto, as lições gramaticais prescrevem que esse pronome relativo deve ser empregado apenas quando houver referência a lugar físico, o que não ocorre no caso.

D) O período foi construído de forma incoerente e desordenada. Ademais, o verbo “contrapor-se” rege o emprego da preposição “a”, a qual se fundirá com o artigo definido “a”, antecedente do termo regido “exploração”. Assim, resulta no fenômeno da crase: “se contrapõem à exploração”.

Gabarito: E.

Atenção: As questões de números 7 a 14 baseiam-se no texto seguinte.

Tememos o acaso. Ele irrompe de forma inesperada e imprevisível em nossa vida, expondo nossa impotência contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo que trabalhosamente penamos para organizar e construir. Seu caráter aleatório e gratuito rompe com as leis de causa e efeito com as quais procuramos lidar com a realidade, deixando-nos desarmados e atônitos frente à emergência de algo que está além de nossa compreensão, que evidencia uma desordem contra a qual não temos recursos. O acaso deixa à mostra a assustadora falta de sentido que jaz no fundo das coisas e que tentamos camuflar, revestindo-a com nossas certezas e objetivos, com nossa apreensão lógica do mundo.

Procuramos estratégias para lidar com essa dimensão da realidade que nos inquieta e desestabiliza. Alguns, sem negar sua existência, planejam suas vidas, torcendo para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos. Outros, mais infantis e supersticiosos, tentam esconjurá-la, usando fórmulas mágicas. Os mais religiosos simplesmente não acreditam no acaso, pois creem que tudo o que acontece em suas vidas decorre diretamente da vontade de um deus. Aquilo que alguns considerariam como a manifestação do acaso, para eles são provações que esse deus lhes envia para testar-lhes sua fé e obediência.

São defesas necessárias para continuarmos a viver. Se a ideia de que estamos à mercê de acontecimentos incontroláveis que podem transformar nossas vidas de modo radical e irreversível estivesse permanentemente presente em nossas mentes, o terror nos paralisaria e nada mais faríamos a não ser pensar na iminência das catástrofes possíveis.

Entretanto, tem um tipo de homem que age de forma diversa. Ao invés de fugir do acaso, ele o convoca constantemente. É o viciado em jogos de azar. O jogador invoca e

provoca o acaso, desafiando-o em suas apostas, numa tentativa de dominá-lo, de curvá-lo, de vencê-lo. E também de aprisioná-lo. É como se, paradoxalmente, o jogador temesse tanto a presença do acaso nos demais recantos da vida, que pretendesse prendê-lo, restringi-lo, confiná-lo à cena do jogo, acreditando que dessa forma o controla e anula seu poder.

(Trecho de artigo de Sérgio Telles. **O Estado de S. Paulo**, 26 de novembro de 2011, D12, C2+música)

7. O 1º parágrafo do texto salienta a:

- (A) importância da racionalidade como diretriz para as ações humanas.
- (B) fragilidade do ser humano diante das contingências fortuitas da vida.
- (C) irracionalidade com que muitas pessoas procuram viver seu dia a dia.
- (D) incompreensão geral em relação aos fatos mais comuns da vida humana.
- (E) supremacia de atitudes lógicas diante de certos acontecimentos cotidianos.

Comentário: Inicialmente, vejamos o parágrafo a que o enunciado se refere:

*“Tememos o acaso. Ele irrompe de forma inesperada e imprevisível em nossa vida, expondo nossa **impotência** contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo que trabalhosamente penamos para organizar e construir. Seu caráter aleatório e gratuito rompe com as leis de causa e efeito com as quais procuramos lidar com a realidade, deixando-nos **desarmados** e **atônitos** frente à emergência de algo que está além de nossa compreensão, que evidencia uma desordem contra a qual não temos recursos. O acaso deixa à mostra a assustadora falta de sentido que jaz no fundo das coisas e que tentamos camuflar, revestindo-a com nossas certezas e objetivos, com nossa apreensão lógica do mundo.”*

Qual ideia podemos depreender desse segmento textual? Reparem, primeiramente, nas palavras-chaves “impotência”, “desarmados” e “atônitos”. De acordo com o contexto, esses vocábulos representam e enfatizam a fragilidade de nós, seres humanos, perante as situações inesperadas, vale dizer, diante do acaso. O último período do parágrafo denota que nem mesmo a razão consegue combater os efeitos do inesperado: “O acaso deixa à mostra a assustadora falta de sentido que jaz no fundo das coisas e que tentamos camuflar, revestindo-a com nossas certezas e objetivos, com nossa apreensão lógica do mundo”. Portanto, a letra (B) é a resposta da questão.

Gabarito: B.

8. O comportamento paradoxal do jogador, referido no último parágrafo, está no fato de:

- (A) ser ele um tipo de pessoa que age de modo inesperado diante do acaso.
- (B) conviver com jogos de azar, mas desconsiderar todas as implicações trazidas pelo acaso.
- (C) ser dominado pela expectativa de bons resultados advindos dos jogos de azar.
- (D) temer excessivamente o acaso, porém buscar continuamente o convívio com sua imprevisibilidade.
- (E) desafiar constantemente as surpresas do acaso, sem se dar conta de que se trata de um vício.

Comentário: Os seres humanos, em geral, têm medo excessivo do acaso, do desconhecido. Entretanto, conforme informações contidas no texto, o viciado em jogos de azar apresenta um comportamento diverso, pois, por intermédio do jogo, ele tenta dominar as situações inesperadas e fortuitas. Essa modalidade de jogo é imprevisível, representando o comportamento controverso do jogador em relação aos demais seres humanos. Essa informação é ratificada por meio do seguinte excerto do texto:

“(...). É como se, paradoxalmente, o jogador temesse tanto a presença do acaso nos demais recantos da vida, que pretendesse prendê-lo, restringi-lo, confiná-lo à cena do jogo, acreditando que dessa forma o controla e anula seu poder.”

Logo, a letra (D) é o gabarito da questão.

Gabarito: D.

9. São defesas necessárias para continuarmos a viver. (3o parágrafo)
A palavra grifada acima retoma o sentido do que consta em:

- (A) ... forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
- (B) ... as leis de causa e efeito ...
- (C) ... estratégias para lidar com essa dimensão da realidade ...
- (D) ... provações que esse deus lhes envia ...
- (E) ... nossas certezas e objetivos ...

Comentário: O vocábulo “defesas” está expresso no terceiro parágrafo do texto. Observem, entretanto, que se trata de um importante papel coesivo na superfície textual, evitando, inclusive, a repetição da palavra “estratégias”, mencionada no início do parágrafo anterior. Há, portanto, a retomada das diversas estratégias adotadas para que as pessoas se protejam do acaso, ideia transmitida pelo excerto “(...) estratégias para lidar com essa dimensão da realidade (...)”. Portanto, a letra (C) é a resposta da questão.

Gabarito: C.

10. ... rompe com as leis de causa e efeito com as quais procuramos lidar com a realidade ... (1o parágrafo)

Há relação de causa e efeito no desenvolvimento do texto entre as situações que aparecem em:

- (A) a inquietação decorrente da possibilidade de surgirem situações inesperadas e o planejamento racional das atividades diárias, levado a efeito por certas pessoas. (2o parágrafo)
- (B) a presença inesperada do acaso em nossas vidas e a objetividade que deve levar à compreensão de sua ocorrência. (1o parágrafo)
- (C) a constatação da ocorrência usual de fatos aleatórios e a exposição das pessoas a essas forças desconhecidas. (1o parágrafo)
- (D) a percepção da falta de sentido das coisas e a tentativa de entender o mundo de maneira lógica e objetiva. (1o parágrafo)
- (E) o medo de acontecimentos imprevistos na vida cotidiana e a constatação de que grandes catástrofes sempre podem ocorrer. (3o parágrafo)

Comentário: Há relação de causa e efeito na assertiva (A). De acordo com o texto, percebe-se que tanto a inquietude das pessoas quanto o planejamento racional das atividades diárias provêm da possibilidade de surgirem situações inesperadas (“o acaso”, “algo que está além de nossa compreensão”). Para facilitar a visualização, podemos fazer as seguintes construções:

Causa

Porque se sentem inquietas com a possibilidade de surgirem situações inesperadas (causa), as pessoas buscam planejar racionalmente as atividades diárias.

Consequência (efeito)

As pessoas se sentem tão inquietas com o surgimento de situações inesperadas que buscam um planejamento racional das atividades diárias (consequência).

Ambas as construções estão respaldadas no segundo parágrafo do texto, por meio do seguinte excerto textual: “Procuramos estratégias para lidar com essa dimensão da realidade que nos **inquieta** e desestabiliza. Alguns, sem negar sua existência, **planejam** suas vidas (...)”.

Gabarito: A.

11. ... o terror nos paralisaria e nada mais faríamos a não ser pensar na iminência das catástrofes possíveis.

O emprego do tempo e modo dos verbos grifados acima indica, considerando-se o contexto,

- (A) causa de uma ação que se propõe como não verdadeira, de difícil realização.
- (B) prolongamento de um fato a se realizar até o momento em que se fala.
- (C) fato que vem se realizando com limites temporais vagos ou imprecisos.
- (D) realização de um fato, no presente ou no futuro, que depende de certa condição.
- (E) certeza da realização de um fato em um futuro próximo, também previsto.

Comentário: No enunciado da questão, as formas verbais “paralisaria” e “faríamos” estão conjugadas no futuro do pretérito. Conforme nos ensinam as lições gramaticais, esse tempo verbal exprime ideia hipotética. Esta, por sua vez, poderá ser realizada, porém dependendo da concretização de uma condição anterior às ações de “paralisar” e de “fazer”. Portanto, a letra (D) é a resposta da questão.

Gabarito: D.

12. ... para que ela não interfira de forma excessiva em seus projetos.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está em:

- (A) ... contra forças desconhecidas que anulam tudo aquilo ...
- (B) ... com as quais procuramos lidar com a realidade ...
- (C) ... deixando-nos desarmados e atônitos ...
- (D) ... de algo que está além de nossa compreensão ...
- (E) ... ele o convoca constantemente.

Comentário: No enunciado da questão, a forma verbal “interfira” é transitiva indireta, regendo o emprego de um objeto indireto, qual seja, a expressão “em seus projetos”. De posse dessa informação, deveremos encontrar, nas assertivas, o verbo que assume a mesma transitividade.

- A) Errada. O verbo “anular” é transitivo direto, tendo como complemento direto a expressão “tudo aquilo”.
- B) **Esta é a resposta da questão.** A forma verbal “lidar” é transitiva indireta, regendo o emprego de um objeto indireto (elemento cuja estrutura é iniciada por uma preposição). No contexto, essa função é desempenhada pela expressão “com a realidade”.
- C) Errada. O verbo “deixar” é transitivo direto, tendo como complemento a forma pronominal “nos”.
- D) Errada. A forma verbal “está” é um verbo de ligação, unindo o sujeito sintático “que” (pronome relativo) e o predicativo do sujeito “além de nossa compreensão”.
- E) Errada. O verbo “convocar” é transitivo direto, tendo como objeto direto a forma pronominal oblíqua “o”.

Gabarito: B.

13. *Se a ideia de que estamos à mercê de acontecimentos incontroláveis ...*

O segmento grifado acima preenche corretamente a lacuna da frase:

- (A) A maneira nos defendemos de episódios inesperados nos leva, muitas vezes, a comportamentos irracionais.
- (B) Cabe-nos tomar atitudes sensatas para resolver problemas inesperados, sem pensar eles nos prejudicaram.
- (C) Ainda faltavam explicações todos procuravam, para aqueles acontecimentos tão pouco previsíveis.
- (D) Poucos tinham conhecimento do problema o articulista se referia naquele momento.
- (E) Eram surpreendentes as revelações tomamos conhecimento há pouco em nosso encontro.

Comentário: No trecho “Se a ideia de que estamos à mercê (...)”, o termo regente “ideia” exige o emprego da preposição “de”, elemento que antecederá o pronome relativo “que”. Assim, deveremos encontrar, nas assertivas, um elemento (verbo ou nome) que exija a mesma preposição.

- A) Errada. O verbo pronominal “defender-se” rege o emprego da preposição “com”. Portanto, a lacuna deve ser preenchida da seguinte forma: “A maneira com que nos defendemos (...)”.
- B) Errada. O verbo “prejudicar” é transitivo direto e indireto. Isso quer dizer que a forma verbal “prejudicaram” tem como objeto direto a forma pronominal “nos”. Por sua vez, o objeto indireto será introduzido pela preposição “em”, elemento exigido pelo mencionado verbo: “sem pensar em que eles nos prejudicaram”.
- C) Errada. O verbo “procurar”, contexto em que está empregado, exige o emprego da preposição “por”: “Ainda faltavam explicações por que todos procuravam (...)”.
- D) Errada. O verbo pronominal “referir-se” rege o emprego da preposição “a”, elemento que deverá anteceder o pronome relativo “que”: “Poucos tinham conhecimento do problema a que o articulista se referia (...)”.
- E) **Esta é a resposta da questão.** No período, há um caso de regência nominal, em que o substantivo “conhecimento” rege o emprego da preposição “de”, a qual, por sua vez, antecederá o pronome relativo “que”: “Eram surpreendentes as revelações de que tomamos conhecimento (...)”.

Gabarito: E.

14. O período corretamente pontuado está em:

(A) Estudos, deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que movidos, por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

(B) Estudos deixam evidente que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente, nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

(C) Estudos deixam evidente que muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso, sem nos apercebermos de que, movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações que nos afligem.

(D) Estudos deixam evidente, que muitas vezes, nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos de que movidos por complexos sentimentos ocultos, como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos aquelas situações, que nos afligem.

(E) Estudos deixam evidente que, muitas vezes nos julgamos vítimas do acaso sem nos apercebermos, de que movidos por complexos sentimentos ocultos como a culpa, inadvertidamente nós mesmos fabricamos, aquelas situações que nos afligem.

Comentário: A pontuação está inteiramente correta na assertiva (C). As vírgulas antes do trecho “movidos por complexos sentimentos ocultos” justificam-se pelo caráter explicativo desse segmento.

Nas demais opções, temos:

A) Errada. Inicialmente, a vírgula depois de “Estudos” separou o sujeito de seu verbo, um grave erro de pontuação. Por sua vez, a vírgula após “movidos” separou esse elemento de seu complemento nominal, violando um dos pré-requisitos básicos para o emprego da vírgula.

B) Errada. Faltou uma vírgula para isolar o adjunto adverbial “muitas vezes”. Essa seria uma opção para corrigir esse trecho. A outra seria retirar a vírgula após o vocábulo “vezes”. Posteriormente, faltou uma vírgula antes do trecho explicativo “movidos por complexos sentimentos ocultos” e outra antes da expressão “como a culpa”, haja vista o caráter exemplificativo desta. Por fim, a vírgula antes de “aquelas” deve ser retirada para não separar o verbo de seu complemento.

D) Errada. A vírgula antes da conjunção integrante “que” deve ser movida para depois desse constituinte, isolando, dessa forma, o adjunto adverbial “muitas vezes”. Ademais, faltou uma vírgula antes do trecho explicativo “movidos por complexos sentimentos ocultos”.

E) Errada. Faltou uma vírgula após o adjunto adverbial “muitas vezes”. Outra opção de correção seria retirar o aludido sinal de pontuação após a conjunção integrante “que”. Por sua vez, a vírgula empregada no trecho “sem nos apercebermos, de que”, separa o verbo de seu complemento de maneira incorreta. Por fim, a vírgula antes de “aquelas” deve ser retirada para não separar o verbo de seu complemento.

Gabarito: C.

Atenção: As questões de números 15 a 20 baseiam-se no texto seguinte.

A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. Quão ínfima? Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recobrando o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

A vida, ou a biosfera, torna-se uma reserva ainda mais enclausurada e única, quando se sabe que nenhuma forma de vida, mesmo a mais primitiva, jamais foi detectada fora dos limites da Terra. Se toda a biosfera terrestre se mantém em uma parte ínfima do planeta, este por sua vez é um grão de areia. Sem contar o Sol, a Terra responde por apenas 1/500 da massa total do sistema solar. Essa bolhinha azul e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu habitante número 7 bilhões, reavivando a imorredoura questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta.

A questão se impõe porque o crescimento no uso desses recursos forma uma curva estatística impressionante. A estimativa é de que, em 2030, será necessário o equivalente a duas Terras para garantir o padrão de vida da humanidade. As perspectivas mais sombrias sobre a sustentabilidade do planeta não levam em conta a extraordinária capacidade de recuperação da natureza – e a do próprio ser humano – para superar as adversidades. A Terra já passou por cinco grandes extinções em massa e a vida sempre voltou ainda com mais força. Enquanto se procuram soluções para o equilíbrio entre crescimento populacional e preservação de recursos, a natureza manda suas mensagens de socorro. A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.

(Filipe Vilicic, com reportagem de Alexandre Salvador. **Veja**, 2 de novembro de 2011. p.130-132, com adaptações)

15. A afirmativa que resume corretamente o assunto do texto é:

- (A) Apesar do crescimento no consumo dos recursos naturais da Terra, eles garantem a vida de seus 7 bilhões de habitantes, permanecendo a dúvida sobre até que ponto a população do planeta poderá aumentar sem que esses recursos entrem em colapso.
- (B) Estudos científicos se voltam para a possível existência de vida fora da Terra, como alternativa para a sobrevivência do homem, em razão do crescimento do número de habitantes e do conseqüente esgotamento dos recursos naturais do planeta.
- (C) O crescimento populacional deverá permitir maior conscientização a respeito da exploração sustentável dos recursos naturais do planeta, ainda que ocorra um inevitável aumento, em nível mundial, do consumo desses recursos.
- (D) As grandes extinções por que a Terra já passou levam à conclusão de que, mesmo com os impactos causados pelo crescimento populacional, o planeta ainda se manterá em condições favoráveis à sobrevivência da espécie humana.
- (E) A presença de 7 bilhões de habitantes espalhados por todo o globo terrestre mostra a vitalidade de um planeta que oferece recursos inesgotáveis à sua população, mesmo admitindo que eles não sejam explorados de forma consciente.

Comentário: A ideia central do texto versa sobre a sustentabilidade do planeta Terra e sua capacidade de manter-se sustentável. No decorrer da superfície textual, o autor fez menção ao quantitativo de habitantes na “bolhinha azul” (planeta Terra) e à sua sustentabilidade, pois é exorbitante o número de pessoas que habitam o planeta e que exploram seus recursos naturais. No segundo parágrafo do texto, encontramos o período que resume perfeitamente o assunto abordado: “Essa **bolhinha azul** (planeta Terra) e frágil que vaga pelo infinito recebe agora seu **habitante número 7 bilhões**, reavivando a imorredoura

questão sobre até quando a população mundial poderá crescer sem produzir um colapso nos recursos naturais do planeta". Portanto, a letra (A) é o gabarito da questão.

Gabarito: A.

16. *A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites.*

A conclusão do texto permite depreender corretamente que:

- (A) a natureza sempre consegue se recuperar do excesso de consumo decorrente da presença humana no planeta.
- (B) deve sempre haver a esperança de sobrevivência na Terra, apesar de condições desfavoráveis que possam vir a ocorrer.
- (C) estabelecer limites para a exploração dos recursos naturais do planeta pode colocar em perigo a sobrevivência da humanidade.
- (D) defender a sustentabilidade do planeta nem sempre leva a soluções viáveis para os problemas relativos à exploração de suas reservas naturais.
- (E) há razões para a preocupação com a sustentabilidade do planeta no sentido de evitar o esgotamento de suas reservas naturais.

Comentário: Outra questão sobre compreensão textual, cuja resposta está expressa. A conclusão do texto é encontrada no excerto "*A espaçonave Terra é uma generosa Arca de Noé, mas ela tem limites*". Consoante as ideias presentes nesse período, existe uma preocupação no que se refere ao esgotamento dos recursos naturais do planeta à medida que ocorre o crescimento populacional. Com isso, há o temor de que a sustentabilidade da Terra fique prejudicada em meio à qualidade de vida das pessoas. Logo, a questão tem como gabarito a assertiva (E).

Gabarito: E.

17. *Quão ínfima?* (1o parágrafo)

Em relação à questão colocada acima, a afirmativa correta é:

- (A) Até mesmo os cientistas são incapazes de respondê-la, pois não conseguem comprovar as teorias sobre a origem da vida na Terra.
- (B) A resposta está contida em alguns dados e na comparação com um único quarteirão das cidades citadas, relativamente à sua extensão.
- (C) A referência às grandes cidades contém a explicação mais plausível para a dificuldade em definir cientificamente a extensão da biosfera.
- (D) Percebe-se que somente a massa superficial do planeta pode justificar as teorias sobre o surgimento da vida na Terra.
- (E) A falta de dados conclusivos a respeito das condições de vida fora da Terra torna difícil a obtenção de uma resposta definitiva.

Comentário: Vamos retomar a ocorrência dessa expressão no contexto:

*"A biosfera, o nome que a ciência dá à vida, parece algo enorme, que se espalha por toda parte, que nos cerca por cima, por baixo, pelos lados, andando, voando e nadando. Pois toda essa única maravilha se espreme por sobre uma camada ínfima do planeta. **Quão ínfima?** Toda a vida da Terra está contida em 0,5% de sua massa superficial. Metade de 1%. O restante é rocha estéril recoberto o núcleo de ferro incandescente. Imagine uma*

metrópole do tamanho de São Paulo ou de Nova York totalmente deserta, quente demais ou fria demais para manter formas de vida, exceto por um único quarteirão.

Por meio do fragmento acima, evidencia-se que a retomada da afirmação de que a biosfera é uma camada ínfima da Terra. No decorrer do parágrafo, a pergunta é respondida com base na comparação entre a biosfera terrestre e "um quarteirão do tamanho de São Paulo ou de Nova York".

Gabarito: B.

18. O segmento cujo sentido está corretamente expresso com outras palavras é:

- (A) *uma reserva ainda mais enclausurada* = um território sempre inexplorado
- (B) *em uma parte ínfima do planeta* = num ponto desconhecido da Terra
- (C) *a imorredoura questão* = o problema de mais difícil solução
- (D) *perspectivas mais sombrias* - visões menos animadoras
- (E) *para superar as adversidades* = para atenuar situações incompreensíveis

Comentário: Há a nítida correspondência entre as expressões contidas na assertiva (D). Inicialmente, os vocábulos "perspectivas" e "visões" são encaradas como sinônimas contextualmente. Por sua vez, a expressão "mais sombrias" é reafirmada pela forma sinonímica da locução "menos animadoras".

Nas demais opções, temos:

- A) Errada. O vocábulo "enclausurado" significa "cercado", "fechado", não sendo equivalente, portanto, a "inexplorado".
- B) Errada. Não há correspondência entre os vocábulos "ínfima" e "desconhecido", pois aquele significa "pequena", "diminuta".
- C) Errada. Em "imorredoura questão", o vocábulo destacado significa "algo que não tem fim" ou "algo infundável", divergindo da acepção apresentada pela expressão "o problema de mais difícil solução".
- E) Errada. Não há correlação entre a palavra "adversidades" (= obstáculos, barreiras) e a expressão "situações incompreensíveis".

Portanto, a letra (D) é o gabarito da questão.

Gabarito: D.

19. A concordância verbal e nominal está inteiramente respeitada em:

- (A) Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais de que ela poderá faltar em boa parte do globo terrestre, que já sofre com sua escassez.
- (B) A proporção entre número de habitantes e oferta de recursos naturais estão em descompasso, levando à necessária redução no consumo desses recursos que garantem a vida no planeta.
- (C) Ambientalistas já alertam para os perigos à sobrevivência da humanidade, caso os habitantes do planeta continue a consumir de modo irresponsável os recursos naturais, muitos dos quais já escassos.
- (D) Existe programas de conscientização da população mundial que busca divulgar formas de consumo sustentável dos recursos naturais e respeito ao ritmo da natureza, para permitir que ela o reponham.
- (E) É necessário que haja medidas que busquem controlar o consumo predatório dos recursos da natureza que, cada vez mais escassos, estão sujeitos a uma lenta reposição.

Comentário: A concordância verbo-nominal está inteiramente respeitada na assertiva (E). Inicialmente, o adjetivo “necessário” está no singular para concordar com o sujeito oracional “que haja medidas”. Por sua vez, o verbo “haver”, constante do trecho “que haja medidas”, está adequadamente empregado no singular, pois se trata de uma forma verbal impessoal, por assumir acepção de “existir”. Conforme nos ensinam as lições gramaticais, sempre que isso ocorrer, o verbo “haver” deve permanecer na terceira pessoa do singular.

Vejamos as demais opções:

A) Errada. Houve prejuízo à concordância verbo-nominal no trecho “Os níveis alarmantes de poluição da água no planeta, resultante da atividade humana, está dando sinais (...)”. Inicialmente, o adjetivo “resultante” deve ser flexionado no plural para concordar com o substantivo a que se refere, qual seja, “níveis”. Esse elemento desempenha a função de núcleo do sujeito, o também leva ao plural o verbo “estar”, presente na locução “está dando”. O correto, portanto, é “Os níveis alarmantes (...) estão dando sinais (...)”.

B) Errada. Houve desvio de concordância verbal no trecho “A proporção (...) estão em descompasso”. O sujeito “a proporção” tem como núcleo o vocábulo “proporção”, o que leva o verbo “estar”, obrigatoriamente, ao singular: “A proporção (...) está em descompasso. Essa é uma característica das bancas de concursos públicos, em se tratando de questões sobre sintaxe de concordância: intercalar elementos entre o núcleo do sujeito e o verbo, induzindo o candidato mais afoito ao erro.

C) Errada. Houve desvio de concordância no trecho “(...) caso os habitantes do planeta continue a consumir (...)”, pois a forma verbal auxiliar “continue” deve concordar em número com o sujeito “os habitantes”. Uma vez que o núcleo se encontra no plural, o verbo também deverá ser flexionado nesse número: “(...) caso os habitantes do planeta continuem a consumir (...)”.

D) Errada. O período em análise já começa com um grave desvio de concordância no trecho “Existe programas de conscientização (...)”. A expressão “programas de conscientização” desempenha a função de sujeito posposto ao verbo “existir”. Por essa razão, o verbo deve ser flexionado no plural: “Existem programas de conscientização (...)”. Por sua vez, outro segmento do período apresenta desvio gramatical: “que busca divulgar formas (...)”. O pronome relativo “que” remete à expressão “programas de conscientização”, cujo núcleo é “programas”. Dessa forma, o verbo “buscar” deve concordar com o sujeito semântico “programas de conscientização”, isto é, o verbo deve estar no plural: “que buscam divulgar formas (...)”. Por fim, o trecho “para permitir que ela o reponham” também está incorreto, pois o verbo “repor” deve concordar em número (singular) com o sujeito “ela”: “para permitir que ela o reponha”.

Gabarito: E.

20. A parcela da população mundial que ascendeu classe média nos últimos vinte anos passou consumir mais, um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta.

As lacunas da frase acima estarão corretamente preenchidas, respectivamente, por:

- (A) à - a - a
- (B) à - à - a
- (C) à - a - à
- (D) a - a - à
- (E) a - a - a

Comentário: A lacunas devem ser preenchidas com as formas constantes da assertiva (A). Inicialmente, a forma verbal “ascendeu” é transitiva indireta, regendo o emprego da preposição “a”. Este elemento, por sua vez, fundir-se-á com o artigo definido “a”, antecedente do termo regido “classe média”, ocasionando o fenômeno da crase, o qual é demarcado pelo emprego do acento grave. Na segunda lacuna, o “a” é tão somente preposição, pois está antecedendo uma forma verbal: “consumir”. Por fim, a terceira lacuna também deve ser preenchida apenas com a preposição “a”, elemento que antecede o pronome indefinido “um”. Feitas as considerações, as lacunas estarão corretamente preenchidas da seguinte forma: “A parcela da população mundial que ascendeu à classe média nos últimos vinte anos passou a consumir mais, a um ritmo acelerado, o que põe em risco a sustentabilidade do planeta”.

Gabarito: A.

**MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES
OFICIAL DE CHANCELARIA**

Atenção: O texto abaixo, para as questões de números 1 a 5, foi extraído de correspondência do renomado escritor norte-americano Norman Mailer endereçada ao crítico literário Peter Balbert.

Caro Peter,

Entre as coisas que temos em comum está a depressão cultural. Reflito sobre a minha vida, especialmente depois de ter completado cinquenta anos de literatura, e sinto que todas as coisas pelas quais trabalhei e lutei estão em decadência. O que antes eu via como o inimigo e, com grande otimismo, como o inimigo que haveria de ser derrotado, acabou na verdade por nos vencer. [...]

A questão diante de nós dois é: onde está a culpa? Estava em nós? Por nunca termos feito o suficiente, por mais que achássemos que sim? Ou estará na abstração que chamamos de “natureza humana”? Teremos ajustado as nossas crenças a um conceito de homens e mulheres que não se adequava aos fatos rasteiros?

Às vezes me pergunto se isso não será puro elitismo de minha parte, e se a verdadeira premissa da democracia, a de que os sem-banho tenham acesso a sabonete barato, desodorante e roupas de plástico, como um dos degraus da escalada a um nível mais alto, não seria o que está acontecendo. Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]

Tudo de bom,
Norman Mailer.

(Adaptado de Cartas Políticas, O mundo nas cordas, revista Piauí, 27, p.32)

1. A alternativa que acolhe comentário condizente com as características da carta é:

(A) Registra inconveniente intimidade nas saudações inicial e final, as quais, uma vez substituídas por “Prezado” e “Sem mais”, respectivamente, restituíam ao texto a formalidade que seu tema requer.

(B) Focaliza a atuação profissional dos interlocutores, especialmente no que diz respeito aos modos como conceberam e trataram homens e mulheres ao produzirem textos literários.

(C) Por explorar temática sociocultural, ultrapassa os limites da subjetividade e transforma as queixas do remetente em afirmações categóricas acerca da necessidade de engajamento político da elite.

(D) Preservando tom subjetivo, expõe reflexões acerca do impacto de atitudes individuais sobre cenários mais amplos, revelando dupla apreensão: com específico sentimento de culpa e com o futuro da sociedade.

(E) Em discretos matizes, como a indicação do destinatário pelo prenome e do remetente por nome e sobrenome, insinua a existência de relação hierárquica entre o escritor e o crítico.

Comentário: A carta de Norman Mailer, endereçada ao escritor norte-americano Peter Balbert, revela uma característica reflexão de natureza subjetiva. Ao longo do documento, Mailer coloca a atitude das pessoas (e a dele próprio) em xeque, explicitando os motivos que poderiam ter induzido a sociedade à “depressão cultural”. No decorrer do texto, o autor expõe uma preocupação com o futuro, temendo a possibilidade de a sociedade estar caminhando para a mediocridade, a qual também atinge os governantes. Essa afirmação é ratificada pelo excerto “estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades”. Portanto, a letra (D) é a resposta da questão.

Nas demais opções, temos:

a) Errada. A característica de uma carta é revelar intimidade, um contato mais próximo com o receptor do documento, empregando, para isso, uma linguagem mais próxima à linguagem coloquial. Portanto, não houve inconveniente nas saudações inicial (“Caro Peter”) e final (“Tudo de bom”).

b) Errada. O texto não fornece informações acerca de características profissionais dos interlocutores, sendo, pois, uma extrapolação fazer tal inferência.

c) Errada. De fato, a carta denota um tom sociocultural, sem, no entanto, extravasar a subjetividade empregada por Norman Mailer. Ademais, o remetente não faz afirmações categóricas. Ao longo do texto, o autor faz questionamentos para se chegar ao motivo da “depressão cultural”.

e) Errada. O texto não apresenta informações acerca de uma hierarquia existente entre o remetente e o destinatário. Em algumas passagens, inclusive, aquele se coloca no mesmo patamar deste: “Entre as coisas que temos em comum está a depressão cultural”; “A questão diante de nós dois é: onde está a culpa? Estava em nós?”.

Gabarito: D.

2. O excerto demonstra que o autor:

- (A) considera-se culpado das mazelas sociais, seja por não ter agido nos momentos graves, seja por operar com crenças contraditórias e demasiadamente abstratas.
- (B) compartilha com o interlocutor a sensação de estar declinando culturalmente, apesar dos diversos anos dedicados a atividade intelectual nobre.
- (C) acredita ter contribuído, em outras épocas, para o real aprimoramento de homens e mulheres, posteriormente submetidos à universal mediocridade.
- (D) hesita em relação à possibilidade de preceitos democráticos estarem sendo postos em prática na época em que escreve a carta.
- (E) concorda com a premissa de que os desfavorecidos devam receber o necessário para a manutenção da dignidade: sabonete barato, desodorante e roupas de plástico.

Comentário: Questão sobre compreensão textual, cuja resposta está expressa no texto. No decorrer do excerto, o autor faz uma hesitação quanto à aplicação de preceitos democráticos na prática. Essa argumentação é ratificada pelo segmento grifado no terceiro parágrafo do texto: “As vezes me pergunto se isso não será puro elitismo de minha parte, e se a verdadeira premissa da democracia, a de que os sem-banho tenham acesso a sabonete barato, desodorante e roupas de plástico, como um dos degraus da escalada a um nível mais alto, não seria o que está acontecendo. Ou se, como temo, estaremos caindo numa sociedade do homem e da mulher medíocres onipresentes, governados por altas mediocridades. [...]”

Gabarito: D.

3. Tendo em vista o contexto, a alternativa correta acerca de recurso linguístico explorado na carta é:

- (A) Na linha 19, *Ou se*, por introduzir conteúdo adicional à sequência de questionamentos que inicia o parágrafo, pode ser substituído por “E, ainda, se”, preservando o sentido original.
- (B) Os fragmentos *por nos vencer* (linha 7) e *por altas mediocridades* (linha 21) exercem idêntica função sintática.
- (C) Na linha 10, por remeter a termos antecedentes, *sim* pode dar lugar a “era o suficiente”.
- (D) A ordem dos termos na coordenação do homem e da mulher (linha 20) expõe restrições do autor quanto à igualdade entre os gêneros.
- (E) Em *O que antes eu via* (linha 5) *como o inimigo*, os itens destacados indicam que o autor havia se equivocado em sua percepção anterior, isto é, que não se tratava de um inimigo.

Comentário: A resposta da questão encontra-se na assertiva (C). No contexto, o vocábulo “sim” desempenha papel anafórico, retomando a ideia anteriormente repassada pela expressão “feito o suficiente”. Por essa razão, a substituição dessa palavra pela locução “era o suficiente” mantém o sentido original e preserva a correção gramatical do período: “A questão diante de nós dois é: onde está a culpa? Estava em nós? Por nunca termos feito o suficiente, por mais que achássemos que era o suficiente?”.

Nas demais opções, temos:

- a) Errada. No contexto, o conectivo “ou”, do excerto “Ou se”, assume ideia de alternância, motivo por que não é admitida sua substituição pelo conector aditivo “e”.
- b) Errada. O segmento “por altas mediocridades” desempenha a função sintática de agente da passiva, ao passo que a expressão “por nos vencer”
- d) Errada. Não há qualquer restrição quanto à igualdade dos gêneros no que se refere à apresentação da ordem dos termos. O autor apenas engloba ambos os gêneros para se referir à sociedade como um todo.
- e) Os itens destacados evidenciam a visão do autor antes de ser vencido “pelo inimigo”.

Gabarito: C.

4. A alternativa correta sobre expressões do texto é:

- (A) O segmento com grande otimismo (linhas 5 e 6), de caráter apositivo, qualifica o termo o inimigo.
- (B) Nas linhas 8 e 9, o contraste entre *nós dois* e *nós* explicita que, apenas na primeira ocorrência, o autor refere-se a si e ao seu interlocutor.
- (C) As formas *alto* (linha 18) e *altas* (linha 21) têm exatamente o mesmo significado, embora ocupem posições diferentes em relação aos substantivos e correspondam a diferentes flexões do adjetivo.
- (D) *Reflito* (linha 2) e *sinto* (linha 4) podem ser permutados, respectivamente, por “conscientizo-me” e “lamento”, sem prejuízo do sentido original.
- (E) Quanto ao significado, *crenças* (linha 12) inclui *abstração* (linha 10) e opõe-se a *fatos rasteiros* (linha 13).

Comentário: Vamos analisar as assertivas.

- a) Errada. O segmento “com grande otimismo” refere-se à possibilidade de o remetente da carta derrotar o inimigo, sem, no entanto, descaracterizar tal figura opositiva.
- b) Errada. Em ambas as ocorrências, o autor inclui a si próprio e o interlocutor no discurso.

- c) Errada. Na primeira ocorrência, o adjetivo “alto” relaciona-se ao substantivo “nível” e assume a acepção de “elevado”. Já na segunda, “altas” aparece flexionado no feminino para concordar com “mediocridades”, apresentando um significado pejorativo.
- d) Errada. A forma verbal “reflito” pode ser substituída por “conscientizo-me” sob o ponto de vista semântico. Entretanto, tal substituição acarretaria prejuízo gramatical, pois esta última estrutura verbal rege o emprego da preposição “de” em lugar de “sobre”. Já em “sinto”, o contexto nos transmite a significação de “pressentir”, mas não de “lamentar”, conforme enuncia o examinador da banca.
- e) **Esta é a resposta da questão.** De acordo com o contexto, o vocábulo “crenças” abarca o conceito de “abstração” e, conseqüentemente, foi empregado em oposição à expressão “fatos rasteiros”, equivalendo a “concretos”.

Gabarito: E.

5. A alternativa correta acerca do uso de tempos verbais na carta é:

- (A) A substituição da forma *Teremos* (linha 11) por “Teríamos” atenuaria o valor hipotético da frase.
- (B) No segundo parágrafo, a incerteza acerca do tempo, expressa pela alternância entre *está*, *estava* e *estará*, reforça o sentido de dúvida presente no trecho.
- (C) A correlação entre as orações *Reflito sobre a minha vida* (linha 2) e *depois de ter completado cinquenta anos de literatura* (linha 3) expressa que a vida anterior ao aniversário mencionado não é objeto de meditação.
- (D) O emprego da forma *será* (linha 14) torna o enunciado mais assertivo do que o seria se a forma escolhida fosse “é”.
- (E) O segmento *acabou... por nos vencer* (linha 7) indica finalização recente da ação nele descrita.

Comentário: No segundo parágrafo do texto, o autor emprega o verbo “estar”, respectivamente, no presente, no pretérito imperfeito e no futuro do presente, todos do modo indicativo: “onde está a culpa? Estava em nós? (...) Ou estará na abstração (...)”. Por meio desse recurso, Norman suscita questionamentos, vale dizer, dúvidas acerca do motivo que acarretou a “depressão cultural”. Portanto, a letra (B) é o gabarito da questão.

Nas demais opções, temos:

- a) Errada. A forma verbal “teremos” está conjugada no futuro do presente do modo indicativo, exprimindo certeza. Por sua vez, a forma verbal “teríamos” está no futuro do pretérito, tempo que expressa ideia de hipótese. Logo, a substituição aumentaria o valor hipotético da frase.

- c) Errada. A assertiva apresenta um erro de contradição textual. Segundo as ideias do remetente da carta, os trechos destacados nesta opção revelam que houve uma reflexão acerca de toda a vida, ou seja, a meditação ocorreu não apenas a partir do cinquentenário, mas também antes dessa marca.
- d) Errada. No excerto “Às vezes me pergunto se isso não será puro elitismo de minha parte, e se a verdadeira premissa da democracia”, a forma verbal “será” está conjugada no futuro do presente do indicativo. Entretanto, percebam que o verbo foi empregado em um contexto hipotético, no qual são suscitadas dúvidas, o que torna o enunciado menos assertivo. O trecho seria mais categórico caso tivesse sido empregada a forma verbal “é”.
- e) Errada. A forma verbal “acabou” está conjugada no pretérito perfeito do indicativo, tempo que exprime uma ideia totalmente concluída, encerrada. Entretanto, o contexto não nos fornece informação que permita constatar se a ação de ser vencido é recente.

Gabarito: B.

Atenção: As questões de números 6 a 9 referem-se ao texto que segue.

Humes observou certa vez que a civilização humana como um todo subsiste porque “uma geração não abandona de vez o palco e outra triunfa, como acontece com as larvas e as borboletas”. Em algumas guinadas da história, porém, em alguns picos críticos, pode caber a uma geração um destino parecido com o das larvas e borboletas. Pois o declínio do velho e o nascimento do novo não são necessariamente ininterruptos; entre as gerações, entre os que, por uma razão ou outra, ainda pertencem ao velho e os que pressentem a catástrofe nos próprios ossos ou já cresceram com ela [...] está rompida a continuidade e surge um “espaço vazio”, espécie de terra de ninguém histórica, que só pode ser descrita em termos de “não mais e ainda não”. Na Europa, essa absoluta quebra de continuidade ocorreu durante e após a Primeira Guerra Mundial. É essa ruptura que dá um fundo de verdade a todo o falatório dos intelectuais, geralmente na boca dos “reacionários”, sobre o declínio necessário da civilização ocidental ou a famosa geração perdida, tornando-se, portanto, muito mais atraente do que a banalidade do pensamento “liberal”, que nos apresenta a alternativa de avançar ou recuar, a qual parece tão desprovida de sentido justamente porque ainda pressupõe uma linha de continuidade sem interrupções.

(ARENDDT, Hannah. “Não mais e ainda não”. In *Compreender: formação, exílio e totalitarismo. Ensaios (1930-1954)*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008, p. 187)

6. Na organização do texto, a autora:

- (A) toma como tema certo pensamento de Humes, que detalha para convencer o leitor sobre esta compreensão que ela tem do que seja a civilização: “A natureza não dá saltos”.
- (B) vale-se de Humes como argumento de autoridade, considerando irretorquível o pensamento citado.
- (C) tira proveito da constatação de Humes, de caráter universal, para ratificá-la no plano mais particular que ela aborda no seu discurso.
- (D) cita Humes porque a comparação que ele faz entre os homens e os animais se aplica, *ipsis litteris*, à concepção que ela tem acerca do que ocorre com gerações em momentos críticos.
- (E) refere comentário do filósofo Humes e o desconstrói, pois o desfaz para reconstruí-lo em outras bases.

Comentário: No início do texto, a autora cita a observação feita por Humes acerca da subsistência da civilização humana como um todo apenas como argumento de autoridade. Entretanto, esse pensamento é refutável, pois ela se baseia no comentário do filósofo para desconstruir a base formulada por ele, mencionando, por exemplo, que uma geração pode ter “um destino parecido com o das larvas e as borboletas. No decorrer da superfície textual, a autora assevera que “o declínio do velho e o nascimento do novo não são necessariamente ininterruptos, podendo surgir “espaços vazios”. Em outras palavras, segundo as ideias da autora, não é imprescindível que o velho e o novo ocorram de modo contínuo. Logo, temos como gabarito da questão a assertiva (E).

Gabarito: E.

7. Pois o declínio do velho e o nascimento do novo não são necessariamente ininterruptos; entre as gerações, entre os que, por uma razão ou outra, ainda pertencem ao velho e os que pressentem a catástrofe nos próprios ossos ou já cresceram com ela está rompida a continuidade [...]

Considerado o fragmento acima, em seu contexto, é correto afirmar:

- (A) entre os *que* estabelece relação de estrita colateralidade entre os segmentos os *que pressentem a catástrofe nos próprios ossos* e [os *que*] *já cresceram com ela*.
- (B) a expressão *não são necessariamente ininterruptos* equivale a “é prescindível que ocorram de modo contínuo”.

(C) justificam-se as duas contíguas ocorrências da preposição *entre* porque introduzem termos que remetem a dois aspectos, semântica e sintaticamente distintos.

(D) a conjunção *ou* estabelece uma relação de simultaneidade entre os dois termos que conecta.

(E) a expressão *os que*, em suas duas ocorrências, remete aos mesmos seres.

Comentário: De acordo com o contexto, há equivalência entre as expressões “não são necessariamente ininterruptos” e “é prescindível que ocorram de modo contínuo”, pois ambas trazem a ideia de que a queda do velho não necessariamente será imediatamente sucedida pela emergência do novo. Durante o texto, a autora argumenta que pode ocorrer um “espaço vazio” entre uma geração e outra.

Nas demais opções, temos:

a) Errada. O texto não fornece subsídios que permitam inferir que haja hierarquia, tampouco colateralidade entre “os que ainda pertencem ao velho” e “os que pressentem a catástrofe nos próprios ossos (...)”.

c) Errada. A preposição “entre” foi empregada contiguamente para explicitar e referir-se às gerações, isto é, ao velho e ao novo. Logo, faz remissão ao mesmo aspecto.

d) Errada. No contexto, o conectivo “ou” estabelece uma relação de alternância entre o vocábulo “razão” e a forma pronominal “outra”.

e) Errada. Na primeira ocorrência, a expressão “os que” refere-se às gerações, ao passo que, na segunda, há referência àquele grupo que pressente a catástrofe.

Gabarito: B.

8. O segmento que, no contexto, exprime uma consequência é:

(A) (linhas 12 e 13) e surge um “espaço vazio”.

(B) (linhas 24 e 25) ainda pressupõe uma linha de continuidade sem interrupções.

(C) (linhas 23 e 24) a qual parece tão desprovida de sentido.

(D) (linhas 15 e 16) essa absoluta quebra de continuidade ocorreu.

(E) (linhas 14 e 15) só pode ser descrita em termos de “não mais e ainda não”.

Comentário: No contexto, percebe-se que a ruptura da continuidade acarreta o surgimento de um “espaço vazio”, denotando, dessa forma, uma relação de causa e consequência entre esses fatos. Logo, a assertiva (A) é a resposta da questão.

Gabarito: A.

9. Quando a autora refere-se ao “espaço vazio”,

(A) toma-o como ponto fraco do ideário “liberal”, que, equivocadamente, entende essa espécie de terra de ninguém histórica como o momento crucial para a decisão de avançar ou recuar.

(B) busca exprimir a ideia de que, mesmo diante de acontecimentos nefastos, há espaço para o acolhimento do novo, para inovadora ordem social, proposta por geração recém-surgida.

(C) caracteriza-o com expressões que deixam entrever a dificuldade que sente para conceituá-lo, dada sua natureza indefinida ou ambígua, área sobre a qual as gerações em confronto não têm controle.

(D) caracteriza-o lançando mão da história, meio de exprimir sua visão de que a ação humana, suspensa nesse oco, provocou os acontecimentos da Primeira Guerra Mundial.

(E) entende-o como ponto que legitima de modo pleno a verve dos grupos ditos “reacionários” quando defendem a necessidade do declínio da civilização ocidental.

Comentário: Ao referir-se ao surgimento do “espaço vazio”, a autora cita o trecho “espécie de terra de ninguém histórica, que só pode ser descrita em termos de ‘não mais e ainda não’”, cujas expressões destacadas revelam a dificuldade em conceituar essa ruptura. Com isso, esse espaço, vale dizer, essa “quebra” é caracterizada historicamente por fatos, tais como a ocorrência da Primeira Guerra Mundial. Portanto, a letra (C) é o gabarito da questão.

Gabarito: C.

Atenção: As questões de números 10 a 15 referem-se ao texto que segue.

O ataque cético à cientificidade das narrações históricas insistiu em seu caráter subjetivo, que as assimilava às narrações ficcionais. As narrações históricas não falariam da realidade, mas sim de quem as construiu. Inútil objetar que um elemento construtivo está presente em certa medida até nas chamadas ciências “duras”: mesmo estas foram objeto de uma crítica análoga [...]. Falemos, então, de historiografia. Que ela [tem] um componente subjetivo [...] é sabido; mas as conclusões radicais que os cétricos tiraram desse dado concreto não levaram em conta uma mudança fundamental mencionada por Bloch nas suas reflexões metodológicas póstumas. “Hoje [1942-3]..., até mesmo nos testemunhos mais resolutamente voluntários”, escrevia Bloch, “aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção.” As Mémoires de Saint-Simon ou as vidas dos santos da alta Idade Média nos interessam (continuava Bloch) não tanto por suas

referências aos dados concretos, volta e meia inventados, mas pela luz que lançam sobre a mentalidade de quem escreveu esses textos. “Na nossa inevitável subordinação ao passado, nós nos emancipamos, ao menos no sentido de que, embora permanecendo condenados a conhecê-lo exclusivamente com base em seus rastros, conseguimos, todavia, saber bem mais a seu respeito do que ele resolvera nos dar a conhecer”. E concluía: “Olhando bem, trata-se de uma grande revanche da inteligência sobre o mero dado concreto”.

(GINZBURG, Carlo. O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício (Introdução). São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 9)

10. É correta paráfrase do primeiro período do texto – O ataque cético à cientificidade das narrações históricas insistiu em seu caráter subjetivo, que as assimilaria às narrações ficcionais. – o que se lê em:

- (A) A credulidade abalada gerou ataques ao cientificismo característico da história, e, quando se insistiu em que deveria assumir o viés subjetivo, suas semelhanças com as narrativas ficcionais avultaram.
- (B) O ceticismo que nutre a ciência dá às narrativas, inclusive às de cunho histórico, um matiz subjetivo, o que foi apontado pelos críticos como um fator inerente a qualquer tipo de relato.
- (C) O que caracteriza o relato de fatos históricos é sua natureza científica; se esse traço fosse minimizado e abrisse espaço para a subjetividade – dizem certos críticos –, esse tipo de relato estaria próximo das narrativas ficcionais.
- (D) A acusação dos que não acreditavam no caráter científico das narrações históricas enfatizava o seu caráter subjetivo, traço que as tornaria semelhantes às narrações ficcionais.
- (E) O que sempre se enfatizou como determinante de um texto é o seu cunho particular, fator de subjetividade que sempre irmanou os relatos, os científicos (como os históricos) e os ficcionais (inventados pelo autor), como reconhecem até os mais severos ataques.

Comentário: Por paráfrase compreende-se a forma de reprodução de um texto sem alteração de sentido original. Trocando em miúdos, parafrasear é transmitir a mesma mensagem com outras palavras.

Por exemplo, se eu disser que **“A mente de Deus, bem como a internet, pode ser acessada por qualquer um, no mundo todo.”**, seriam possíveis as seguintes reescritas:

Qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet, no mundo todo,

No mundo todo, qualquer um pode acessar a mente de Deus e a internet.

A mente de Deus pode ser acessada, no mundo todo, por qualquer um, da mesma forma que a internet.

Tanto a internet quanto a mente de Deus podem ser acessadas, no mundo todo, por qualquer um.

As frases acima mantêm o sentido original do enunciado. Portanto, são **paráfrases**.

Entretanto, uma construção que não representa uma paráfrase do enunciado original é **“A mente de Deus pode acessar, como qualquer um, no mundo todo, a internet”**. Vejam que, no período, o agente da ação verbal passa a ser “A mente de Deus”. Entretanto, na ideia original, “a mente de Deus” é paciente, ou seja, sofre a ação de “ser acessada”.

Voltando à questão da prova ...

Percebemos que ocorre paráfrase na assertiva (D). Há equivalência entre as expressões “o ataque cético à cientificidade das narrações históricas”, constante do trecho original, e “a acusação dos que não acreditavam no caráter científico das narrações históricas”. Reparem que o adjetivo “cético” (aquele que não acredita) foi mencionado de outra forma: “os que não acreditavam”. Por sua vez, o vocábulo “cientificidade” apresentou uma correta correspondência com a expressão “caráter científico”. Por fim, a informação original foi mantida com o trecho “as tornaria semelhantes às narrações ficcionais”, pois esta locução se equivale ao segmento “as assimilaria às narrações ficcionais”.

Gabarito: D.

11. Considerada a totalidade do excerto, é correto afirmar:

(A) (linhas 7 e 8) A referência a uma crítica análoga impõe que se entenda o emprego das aspas, em “duras”, como indicador de tom pejorativo.

(B) (linha 4) O emprego do verbo “falar” no tempo e modo adotados sinaliza que o entendimento sobre a natureza da história expresso na frase deve ser atribuído aos que desferiram o citado ataque (linha 1).

- (C) (linhas 4 e 5) Escrevendo de outro modo a frase *mas sim de quem as construiu*, o sentido e a correção originais estarão preservados se a nova formulação for “mas sim daqueles que a construíram”.
- (D) (linhas 3 e 4) Na frase *As narrações históricas não fariam da realidade* está implícita a ideia de que *a história deveria rever o viés metodológico tradicionalmente adotado*.
- (E) (linha 5) A expressão *um elemento construtivo* remete à ideia de *cientificidade* referida anteriormente (linha 1).

Comentário: Vamos analisar as opções.

- a) Errada. No contexto, as aspas não foram empregadas para denotar sentido pejorativo. Esse sinal de pontuação foi utilizado para demonstrar que o adjetivo foi empregado em sentido figurado.
- b) **Esta é a resposta da questão.** No texto, a forma verbal “fariam” está conjugada no futuro do pretérito do indicativo. No excerto em comento, a flexão de “falar” no tempo e modo adotados caracteriza uma situação hipotética para que o ataque contra a natureza da história seja atribuído aos céticos.
- c) Errada. A reescrita não mantém a correção gramatical devido à forma pronominal “a”. No contexto, deve haver referência à expressão “narrações históricas”, devendo a flexão ocorrer no plural: “mas sim daqueles que as (=narrações históricas) construíram”. Vale ressaltar que há correção gramatical na flexão de plural do verbo “contribuir”, haja vista a necessária concordância com o sujeito semântico “aqueles”, retomado pelo pronome relativo “que”.
- d) Errada. A frase em questão revela apenas uma hipótese, reforçada pela forma verbal “fariam”, sem permitir, entretanto, a inferência de que o viés metodológico adotado pelos historiadores deve ser revisto.
- e) Errada. A expressão “um elemento construtivo” remete, no contexto, à ideia de subjetivismo.

Gabarito: B.

12. A expressão que está corretamente entendida, considerada a situação de uso no excerto, é:

- (A) (linhas 27 e 28) grande revanche da inteligência / descomedida vingança da perspicácia.
- (B) (linha 5) Inútil objetar / é desaconselhável admitir.
- (C) (linhas 12 e 13) reflexões metodológicas póstumas / confissões de erros de método legadas aos pósteros.
- (D) (linha 14) testemunhos mais resolutamente voluntários / depoimentos rigorosamente fortuitos.
- (E) (linhas 21 e 22) Na nossa inevitável subordinação ao passado / Na sujeição ao passado, à qual não podemos nos furtar.

Comentário: Questão sobre significação contextual de palavras e expressões, assunto bastante recorrente nas provas da Fundação Carlos Chagas. Analisando as opções, percebemos que a resposta se encontra na assertiva (E). Há perfeita equivalência semântica e contextual entre as expressões “Na nossa inevitável” e “não podemos nos furtar” e entre as locuções “subordinação ao passado” e “sujeição ao passado”.

Nas demais assertivas, temos:

- a) Os adjetivos “grande” e “descomedida” não apresentam a mesma acepção no contexto em análise, ocorrendo o mesmo com os vocábulos “revanche” e “vingança”.
- b) Novamente, não há equivalência entre as expressões “inútil objetar” e “desaconselhável admitir”, valendo frisar que “objetar” significa “argumentar de modo contrário”.
- c) Errada. Nesta assertiva, não há equivalência semântica entre os vocábulos “reflexões” (meditações) e “confissões” (declaração verbal ou escrita).
- d) Errada. O vocábulo “resolutamente” provém de “resoluto”, cuja acepção é “determinado”, “que se resolveu”, divergindo da significação de “rigorosamente”.

Gabarito: E.

13. É correto afirmar que, no excerto,

- (A) o enunciado “aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção” (linhas 15 e 16) contém pressuposto introduzido pelo advérbio já.
- (B) o autor deixa que o leitor tenha acesso à voz de Saint-Simon, ao lado da sua própria e da de Bloch.
- (C) as ideias de Bloch vêm exclusivamente incorporadas à voz de Carlo Ginzburg, que não permite ao leitor entrar em contato direto com as formulações do estudioso que ele cita.
- (D) o enunciado Falemos, então, de historiografia (linha 8) revela que o autor, por carência de um único argumento que seja, não ousa debater em outro campo que não o da história.
- (E) o enunciado *Que ela tem um componente subjetivo é sabido* (linhas 8 e 9) é exemplo de frase truncada, em que faltam elementos sintáticos essenciais à expressão de um sentido completo, só apreensível com o apoio do contexto.

Comentário: No texto, o advérbio “já”, constante do segmento “aquilo que o texto nos diz já não constitui o objeto preferido de nossa atenção”, remete à ideia de que “a luz que lançam sobre a mentalidade de quem escreveu esses textos” ganha maior destaque, em detrimento das “referências aos dados concretos”. Tomando por base as palavras do texto, “trata-se de uma grande revanche da inteligência sobre o mero dado concreto”. Passou-se, então, a

considerar como mais significativo para a apreensão de uma época aquilo que seu modo de contar possa deixar entrever. Portanto, a letra (A) é o gabarito da questão.

Nas demais opções, temos:

- b) Errada. Durante o texto, o autor permite que o leitor tenha acesso apenas à voz de Bloch, à qual se incorpora a voz de Carlos, conforme se percebe no segmento “As Mémoires de Saint-Simon ou as vidas dos santos da alta Idade Média nos interessam (continuava Bloch) não tanto por suas referências aos dados concretos, volta e meia inventados, mas pela luz que lançam sobre a mentalidade de quem escreveu esses textos. (...) E concluía: “Olhando bem, trata-se de uma grande revanche da inteligência sobre o mero dado concreto”.
- c) Errada. Conforme citado na assertiva anterior, ocorre exatamente o contrário: a voz de Carlos Ginzburg vem incorporada à de Bloch. O autor apenas interferiu no discurso de Bloch a fim de direcionar a leitura.
- d) Errada. O autor se vale do ataque dos céticos em relação à cientificidade das narrações históricas para introduzir o debate acerca da historiografia.
- e) Não houve truncamento sintático no enunciado “Que ela tem um componente subjetivo é sabido”. Neste segmento, ocorreu apenas a inversão da ordem direta “É sabido que ela tem um componente subjetivo”, não faltando qualquer componente sintático à estrutura.

Gabarito: A.

14. Considere as afirmações abaixo.

I. A mudança fundamental citada refere-se ao fato de que a historiografia acabou adotando uma perspectiva oblíqua no seu modo de conhecimento: passou a considerar como mais significativo para a apreensão de uma época não o que uma possível testemunha conscientemente informe sobre “dados concretos”, mas aquilo que seu modo de contar possa deixar entrever, até mesmo à sua revelia, sobre o espírito que concebeu tal relato.

II. Na exposição do seu raciocínio, o autor da frase final do excerto faz uso da expressão Olhando bem (linha 27) para chamar a atenção sobre ideia que corrige outra anteriormente enunciada por ele.

III. O autor julgou necessário interferir no discurso alheio por meio dos colchetes, na linha 9, para direcionar a leitura, oferecendo ponto de referência pedido pelo advérbio Hoje, que remete ao momento em que um dado locutor está elaborando seu discurso.

Está correto o que se afirma em:

- (A) I e III, somente.**
- (B) I, somente.**

- (C) I e II, somente.
- (D) II, somente.
- (E) I, II e III.

Comentário: Vamos analisar as assertivas.

I. Correta. De fato, a afirmativa está em conformidade com as ideias do texto. De acordo com a superfície textual, “trata-se de uma grande revanche da inteligência sobre o mero dado concreto”.

II. Errada. Ao empregar a frase “Olhando bem”, o autor deste segmento, Bloch, chama a atenção unicamente para avaliar e ratificar da ideia anteriormente mencionada, sem corrigi-la.

III. Correta. No decorrer do excerto, percebe-se que o autor de fato interferiu no discurso de Bloch, a fim de guiar a leitura. Essa afirmativa é ratificada pelo seguinte segmento, por exemplo: “Na nossa inevitável subordinação ao passado, nós nos emancipamos, ao menos no sentido de que, embora permanecendo condenados a conhecê-lo exclusivamente com base em seus rastros, conseguimos, todavia, saber bem mais a seu respeito do que ele resolvera nos dar a conhecer”. E concluía: “Olhando bem, trata-se de uma grande revanche da inteligência sobre o mero dado concreto”.

Logo, a letra (A) é o gabarito da questão.

Gabarito: A.

15. “Na nossa inevitável subordinação ao passado, nós nos emancipamos, ao menos no sentido de que, embora permanecendo condenados a conhecê-lo exclusivamente com base em seus rastros, conseguimos, todavia, saber bem mais a seu respeito do que ele resolvera nos dar a conhecer”.

Ao desenvolver suas ideias no período acima, o autor:

- (A) adotou o tempo e modo presentes na forma verbal resolvera porque considerou eventual o fato expresso.**
- (B) utilizou a expressão no sentido de com o mesmo valor observável na frase “No sentido de ajudá-lo, propus ampliar o prazo do contrato”.**
- (C) cometeu um deslize quanto ao padrão culto escrito, que exige o emprego de uma vírgula depois da palavra respeito.**
- (D) se valeu de uma proposição paradoxal (“Na nossa inevitável subordinação ao passado, nós nos emancipamos...”) e, na argumentação, minimizou a contradição entre as ideias que a constituem.**

(E) empregou o pronome “o” (em conhecê-lo) porque se referia a passado; se estivesse se referindo a uma pessoa, o padrão culto escrito exigiria o “lhe” (“conhecer-lhe”).

Comentário: No trecho acima, introduzido pelo segmento “Na nossa inevitável subordinação ao passado, nós nos emancipamos (...)”, o autor apresenta a ideia de que, embora vinculados ao passado, é possível expandir os conhecimentos acerca dos fatos históricos. Entretanto, no decorrer do excerto, o autor visa a minimizar essa oposição, já que se utiliza da argumentação de que sabemos “bem mais a respeito do que ele (o passado) resolvera nos dar a conhecer”.

Gabarito: D.

Atenção: As questões de números 16 e 17 referem-se ao texto que segue.

Nas diversas épocas da história, a colonização assumiu formas que podem ter sido diferentes, mas que também se superpuseram umas às outras. Dominar outros povos foi de fato o motor da expansão, qualquer que tenha sido o motivo declarado desse “imperialismo”, religioso no tempo dos árabes, religioso ainda nas expedições cristãs contra os infiéis, religioso mais uma vez quando católicos e protestantes desejam consolidar a expansão de sua fé, nos séculos XVI e XVII.

O interesse político pôde ser o companheiro de todas essas formas de cruzadas. [...] O interesse econômico surge bem antes da denominada era imperialista, e afirma-se sobretudo quando, com os Atos de Navegação (1651), a expansão ultramarina é considerada um monopólio de toda a nação inglesa – e não apenas o interesse de seus comerciantes.

(FERRO, Marc. História das colonizações: das conquistas às independências – séculos XIII a XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1996)

16. O fragmento acima está sintetizado de maneira clara e correta em:

(A) A colonização – fruto, efetivamente, do desejo de domínio – realizou-se de maneiras possivelmente distintas, mas também associadas: apresentou-se, em muitos momentos, sob o signo da religião, convivendo com a motivação política; a motivação econômica firma-se no século XVII, quando a expansão ultramarina é considerada privilégio de toda uma nação (a inglesa).

(B) É passível que as colonizações sejam diferentes, mas se entrelacem, pois seu objetivo é igual – dominar povos; o imperialismo religioso dos árabes, dos católicos e protestantes, companheiro dos interesses político e econômico posterior a 1651, antes da “era imperialista”, acaba no monopólio com a Inglaterra sobre a expansão ultramarina.

(C) A colonização, como a história mostra, é uma forma de cruzada, assumida de modo semelhante em alguns momentos – como no caso das várias religiões –, mas sempre significando domínio de outros povos; as expedições religiosas conviveram bem com o jogo político das nações, e que tardou com os interesses econômicos: estes dependeram da chegada de 1651 para surgir com vigor, sob o domínio inglês.

(D) Alternando, a colonização foi, nas etapas históricas, assumindo procedimentos distintos e camuflando a sua verdadeira causa: várias vezes de ordem religiosa, outra política e outra econômica; esta é resultado dos interesses que passaram dos comerciantes para a nação inglesa como um todo, antes de surgir o imperialismo propriamente dito.

(E) O domínio dos outros povos gerou a expansão da colonização que variou de forma, inclusive superpondo causas: das diferentes religiões, que o poder político acompanhou até o surgimento do interesse econômico, em 1651, quando a navegação, direito dos comerciantes, passou a ser da Inglaterra.

Comentário: No trecho original, o tópico frasal é “a colonização assumiu formas que podem ter sido diferentes, mas que também se superpuseram umas às outras”. A partir deste segmento, a leitura do texto evidenciará que a “colonização” ocorreu de maneiras distintas, embora associadas.

Por sua vez, o trecho “Dominar outros povos foi de fato o motor da expansão” exprime a ideia de que a “colonização” foi impulsionada pelo desejo de dominar os povos”, tendo facetas como a religião e a política.

Posteriormente, o segundo parágrafo do trecho original nos traz a noção de que o interesse econômico se firma no século XVII, época em que a expansão ultramarina é um monopólio da nação inglesa.

Dessa forma, a síntese clara e correta encontra-se na assertiva (A): “A colonização – fruto, efetivamente, do desejo de domínio – realizou-se de maneiras possivelmente distintas, mas também associadas: apresentou-se, em muitos momentos, sob o signo da religião, convivendo com a motivação política; a motivação econômica firma-se no século XVII, quando a expansão ultramarina é considerada privilégio de toda uma nação (a inglesa)”.

Gabarito: A.

17. O segmento do texto que, transformado, mantém-se em consonância com o padrão culto escrito é:

(A) surge quando mau se havia cumprido os primeiros cinquenta anos do século XVII.

(B) formas acerca de cuja eficácia ninguém tem dúvida.

(C) reações a domínio, em sua também diversidade, igualmente se superpõe uns à outros.

(D) quaisquer que, naquele momento, possa terem sido as razões.

(E) quando desejam consolidar a expansão de sua fé, grupos religiosos distintos degladiam-se um contra o outro.

Comentário: A resposta da questão encontra-se na assertiva (B). Inicialmente, a expressão “acerca de” significa “sobre”, a “respeito de”, estando correto seu emprego. Por sua vez, o período apresentou a oração adjetiva “de cuja eficácia ninguém tem dúvida”. Este segmento foi introduzido pela preposição “de”, pois este elemento foi exigido pelo termo regente “dúvida”.

Vejam alguns erros das demais opções.

a) Errada. Na transformação, o adjetivo “mau” foi empregado incorretamente em lugar do advérbio de tempo “mal”. Além disso, o trecho contém uma estrutura de voz passiva sintética (VTD + se (pronome apassivador), em que o sujeito paciente é a expressão “os primeiros cinquenta anos do século XVII”. Como o núcleo “anos” está no plural, o verbo “haver”, auxiliar da locução verbal, deve ser flexionado nesse mesmo número: “surge quando mal se haviam cumpridos os primeiros cinquenta anos (...)”. Equivale dizer que “os primeiros cinquenta anos mal haviam sido cumpridos (...)”.

c) Errada. No trecho “uns à outros”, o acento grave foi empregado incorretamente. Conforme ensinam as lições gramaticais, não se utiliza esse sinal gráfico antes de vocábulos de sentido indefinido, como ocorre em “outros”.

d) Errada. No trecho “quaisquer que (...) possa terem sido as razões”, a flexão verbal foi feita incorretamente, pois apenas o verbo auxiliar “poder” deve ser flexionado, concordando com o sujeito “as razões”: “quaisquer que (...) possam ter sido as razões”.

e) Errada. A forma “degladiar” foi empregada equivocadamente em lugar de seu parônimo “digladiar”. Ademais, a expressão “um contra o outro” deve ser flexionada no plural, concordando com o vocábulo “grupos”: “grupos distintos digladiam-se uns contra os outros”.

Gabarito: B.

18. A frase estruturada de maneira clara e em total conformidade com o padrão culto escrito é:

(A) A discussão sobre questões pertinentes aos vários temas dos grupos inscritos demandaram muita organização, que ninguém questionou porque se fazia necessário, tendo em vista que a reflexão necessita, e se deu, com serenidade.

(B) Entre tais e tão tristes casos reportados nos jornais de hoje como as enchentes, os desastres rodoviários e os regimes de excessão, o que

mais me comoveu foi de ter lido sobre a falta de assistência a desprotegidos.

(C) Eles estavam ali conversando sei lá de quê; não certamente de dinheiro, como alguns imaginaram, ainda que falassem de “títulos”; mas não existem só títulos “bancários”, também os há acadêmicos, como cheguei a comentar com os mexeriqueiros.

(D) Já tinha muito porque se atormentar, por isso tentava esquecer, e o fazia com muita persistência, das notícias que pareciam ter chegado a pouco, mas já eram conhecidas por todos.

(E) Não tinham sequer levantado hipótese de que fosse feito, e pelo coordenador, reparos ao texto definitivo, e ainda mais extemporaneamente, inclusive porque tinham havido já muitos comentários positivos para o grupo, vindos de renomado especialista.

Comentário: A resposta da questão encontra-se na assertiva (C). No trecho “sei lá de quê; não certamente (...)”, o “quê” é tônico, razão por que foi acentuado graficamente. Por sua vez, as vírgulas foram corretamente empregadas antes e após o trecho “como alguns imaginaram”, denotando o caráter explicativo da sentença.

Vejam alguns erros das demais opções:

a) Errada. O verbo “demandar” deve ser empregado no singular para concordar com o vocábulo “discussão”, núcleo do sujeito. Por sua vez, o adjetivo “necessário” deve ser flexionado no feminino para concordar com “organização”, substantivo ao qual se refere.

b) Errada. Inicialmente, o vocábulo “excessão” foi grafado incorretamente com SS. A grafia correta é “exceção”. Por fim, no trecho “foi de ter lido”, a expressão “de” deve ser suprimida, pois não foi exigida por qualquer elemento do contexto.

d) Errada. Primeiramente a forma “porque”, constante do excerto “Já tinha muito porque se atormentar”, equivale a motivo razão, devendo ser grafada separadamente: “Já tinha muito por que se atormentar”. Por sua vez, o verbo “esquecer” é transitivo direto, devendo a preposição “de” ser suprimida antes da expressão “das notícias”: “por isso tentava esquecer (...) as notícias. No trecho “que pareciam ter chegado a pouco”, há referência a tempo pretérito, passado. Por essa razão, deve ser empregada a forma “há”: “que pareciam ter chegado há pouco”. Por fim, para manter o adequado paralelismo sintático, deve ser empregada a forma “que” após o conectivo “mas”: “(...) as notícias que pareciam ter chegado há pouco, mas que já eram conhecidas por todos”.

e) Errada. A estrutura verbal “fosse feito” deve ser flexionada no plural para concordar com o sujeito paciente “reparos”. Por sua vez, na estrutura “tinham havido”, o verbo “ter” deve ser mantido no singular, pois o verbo principal, “haver”, é impessoal, transmitindo essa impessoalidade ao verbo auxiliar.

Gabarito: C.

Atenção: As questões de números 19 a 25 referem-se ao texto que segue.

Caracterização de Walter Benjamin

O nome do filósofo, que acabou com sua própria vida durante a fuga ante os esbirros de Hitler, foi ganhando uma aura nos mais de vinte anos que desde então transcorreram, e isso apesar do caráter esotérico dos seus primeiros trabalhos e fragmentário dos últimos. A fascinação de sua pessoa e *oeuvre* só deixou a alternativa da magnética atração ou da rejeição horrorizada. Sob o olhar de suas palavras – onde quer que ele caísse –, tudo se metamorfoseava, como se tivesse se tornado radioativo. A capacidade de incessantemente projetar novos aspectos – não tanto mediante a ruptura crítica de convenções quanto pela maneira, dada pela organização intrínseca, de se comportar em relação ao objeto, como se as convenções não tivessem poder sobre ele – dificilmente conseguirá também ser captada pelo conceito de originalidade. Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, mesmo porque a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante. Ele não dava a impressão de ser alguém que criava a verdade ou a adquiria ao pensar, mas de que a citava pelo pensamento como um refinado instrumento de conhecimento, no qual imprimia a sua marca.

(ADORNO, Theodor. Caracterização de Walter Benjamin. Prismas: crítica cultural e sociedade. São Paulo: Ática, 2001, p. 223-224)

Obs.: *oeuvre*: obra.

19. É correto afirmar que o autor do excerto:

- (A) julga o refinado pensamento do filósofo não como original ou espontâneo, mas como verdadeiro.**
- (B) oferece precisa caracterização do filósofo e de sua obra, valendo-se de conceitos que lhes são aplicáveis com justeza.**
- (C) expõe os artifícios formais de que se valeu o filósofo para, apropriando-se dos achados da tradição, requisitar autenticidade para seu trabalho.**
- (D) aponta inconsistência nas formulações do filósofo, que, pouco amadurecidas mas perenes, se despegaram do necessário aporte empírico da filosofia.**
- (E) atribui força transformadora ao modo como o filósofo concebia e expressava seus pensamentos.**

Comentário: De acordo com as ideias do texto, o autor afirma que tudo passava por um processo de metamorfose. Podemos ratificar essa afirmação com base no seguinte trecho: “Sob o olhar de suas palavras (a do filósofo) – onde quer que ele caísse –, tudo se metamorfoseava”. Portanto, a resposta da questão encontra-se na assertiva (E).

Vejam, por exemplo, os erros das opções (A) e (B):

a) Errada. De acordo com o texto, o filósofo possuía um “refinado instrumento de conhecimento”, por meio do qual e segundo as ideias do autor, Walter Benjamin “citava a verdade pelo pensamento”, sem, no entanto, dar a “impressão de ser alguém que criava a verdade ou a adquiria ao pensar”. Portanto, o autor permite ao leitor inferir que a obra do filósofo criava a verdade da obra, não sendo atribuída ideia de veracidade ao refinado pensamento.

b) Errada. A caracterização do filósofo e de sua obra não é precisa. Em algumas passagens do excerto, o autor apresenta contradições ao caracterizá-los:

“O nome do filósofo (...) foi ganhando uma aura nos mais de vinte anos que desde então transcorreram, e isso apesar do caráter esotérico dos seus primeiros trabalhos e fragmentário dos últimos.”

“A fascinação de sua pessoa e *oeuvre* só deixou a alternativa da magnética atração ou da rejeição horrorizada.”

“O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas.”

Gabarito: E.

20. O excerto autoriza a seguinte afirmação:

(A) as constantes inovações do filósofo acompanharam-se de desveladas críticas às convenções vigentes.

(B) o filósofo e sua obra adquiriram, com o tempo, unânime aprovação, atribuível à comoção gerada por seu suicídio.

(C) a natureza dos trabalhos iniciais e finais do filósofo não obscurece sua personalidade e sua obra, impactantes sob qualquer julgamento.

(D) a infinidade de novos aspectos inseridos nas análises do filósofo tornou-as tão herméticas que não podem ser captadas por espíritos menos originais.

(E) as inéditas ideias do filósofo devem ser creditadas aos seus métodos, fundamentados em experiências da filosofia oficial.

Comentário: A afirmação contida na assertiva (C) está correta. De fato, não houve obscurecimento do filósofo, tampouco de sua obra, em que pese a natureza esotérica dos primeiros trabalhos e fragmentária dos últimos. Essa afirmativa é baseada no seguinte fragmento textual: “O nome do filósofo (...) foi ganhando uma aura nos mais de vinte anos que desde então transcorreram, e isso apesar do caráter esotérico dos seus primeiros trabalhos e fragmentário dos últimos”.

Vejamos as demais opções.

- a) Errada. A projeção de novos aspectos demonstra que as convenções não tinham poder sobre o pensador, o que não significa, necessariamente, que ele tecia críticas ao convencionalismo. De acordo com o texto, as novas projeções certo grau de ruptura crítica.
- b) Errada. Ao mencionar que tanto o autor quanto sua obra adquiriram unanimidade, o examinador da banca quis induzir o candidato ao erro. Segundo a superfície textual, “a fascinação de sua pessoa e *oeuvre* só deixou a alternativa da magnética atração ou da rejeição horrorizada”, ou seja, não havia unanimidade.
- d) Errada. A originalidade a que o texto faz alusão refere-se tão somente a um conceito, o qual “difícilmente conseguirá ser captado” por meio da projeção de novos aspectos.
- e) Errada. De acordo com o texto, as experiências não pertenciam à filosofia oficial, mas, sim, ao sujeito. Essa afirmação é ratificada por meio do excerto “O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal (...)”.

Gabarito: C.

21. É correto afirmar que, na obra de Benjamin,

- (A) o sujeito é destituído da função central que tinha na filosofia anterior, na medida em que esse filósofo opta por não se fazer notar em seus escritos.**
- (B) a verdade é apenas tangenciada, já que o filósofo cita concepções já aceitas como inquestionáveis, mas não ousa nelas interferir.**
- (C) o diálogo com a filosofia oficial engendra-se na arte da formulação instantânea, que pressupõe o descarte de conceitos tradicionais.**
- (D) o modo de presença da intuição gera uma subjetividade da qual emerge não o espontâneo, mas o particular.**
- (E) a originalidade do pensamento, derivada da organização que lhe é intrínseca, carece de vivacidade e autenticidade, tal como as entendemos.**

Comentário: A resposta da questão encontra-se na assertiva (D). De acordo com a superfície textual, o excerto “*Nenhuma das intuições desse pensador inesgotável apresentava-se como mera intuição. O sujeito, a quem pessoalmente cabiam todas as experiências fundantes que a filosofia oficial contemporânea apenas discute de modo formal, parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, mesmo porque a sua maneira, sobretudo a arte da formulação instantânea – definitiva –, também se despojou do que, no sentido tradicional – é espontâneo e esfuziante*” exprime a ideia de que o sujeito “parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas (as intuições)”. Dito de outra forma, o sujeito é caracterizado por traços subjetivos e, portanto, particulares, peculiares. Notem que, ainda de acordo com o texto, não há a emergência do “espontâneo”, conforme ratifica o segmento “também se despojou do que (...) é espontâneo”.

Gabarito: D.

22. O nome do filósofo, que acabou com sua própria vida durante a fuga ante os esbirros de Hitler, foi ganhando uma aura nos mais de vinte anos que desde então transcorreram, e isso apesar do caráter esotérico dos seus primeiros trabalhos e fragmentário dos últimos.

Considerado o período acima, em seu contexto, é correto afirmar:

- (A) Substituindo “transcorrer” por “se passar”, a frase mantém a correção gramatical com a forma “se passou”.
- (B) O título do texto é determinante para que a frase que acabou com sua própria vida tenha valor explicativo, e não restritivo.
- (C) A reflexividade observada no segmento acabou com sua própria vida é exatamente do mesmo tipo da encontrada em “Machucaram-se muito com as ofensas recíprocas”.
- (D) A presença da preposição *durante* contamina a frase articulada em torno do verbo “acabar”, conferindo-lhe aspecto durativo e frequentativo.
- (E) A preposição *ante* tem mesmo valor do segmento grifado em “antiamericano”.

Comentário: A resposta da questão encontra-se na opção (B). No decorrer da superfície textual, o filósofo Walter Benjamin é caracterizado pela frase “que acabou com a sua própria vida”. Essa oração subordinada exprime uma ideia de explicação, noção ratificada e que apresenta uma relação direta com o título “Caracterização de Walter Benjamin”.

Vejamos alguns erros das demais opções.

a) Errada. No contexto da substituição, há uma estrutura de voz passiva, em que a expressão “vinte anos” desempenha a função de sujeito. Como o

- núcleo “anos” está no plural, o verbo “passar” também deve ser flexionado neste número: “(...) nos mais de vinte anos que desde então se passaram”.
- c) Errada. No contexto do período “Machucaram-se muito com as ofensas recíprocas”, a partícula “se” é pronome recíproco, não havendo, portanto, reflexividade.
- d) Errada. O aspecto verbal exprime a ação no início, no decurso ou no fim da ação. Segundo as lições gramaticais, o aspecto pode ser: (i) incoativo, em que o processo verbal é visto em seu começo; (ii) durativo (ou cursivo), em que a ação é tomada em seu desenvolvimento (ex.: O rapaz estava olhando); (iii) conclusivo, no qual o processo verbal é visto em seu fim (ex.: Hoje ele trabalhou); e (iv) frequentativo, em que é expressa uma série de processos repetidos, habituais (exs.: Tenho falado sobre o concurso. / Tomava café às sete da manhã). No contexto da questão, percebe-se que o verbo “acabar”, representado pela forma verbal “acabou”, apresenta aspecto conclusivo, isto é, a ação verbal está totalmente encerrada. Portanto, a presença da preposição “durante” não acarreta a contaminação aspectual mencionada pelo examinador.
- e) Errada. Segundo as lições gramaticais, a preposição “ante” significa “perante”, “diante de”. Já no composto “antiamericano”, há o prefixo “anti-”, que significa “contrário”.

Gabarito: B.

23. O nome do filósofo [...] foi ganhando uma aura [...], apesar do caráter esotérico dos seus primeiros trabalhos e fragmentário dos últimos.

Em redação clara e totalmente em concordância com o padrão culto escrito, o sentido da frase acima está preservado em:

- (A) Foi ganhando uma aura o filósofo, que já tinha nome, ainda que seus trabalhos sejam de caráter esotérico e fragmentário, respectivamente os primeiros e últimos.**
- (B) Ainda que os primeiros trabalhos do filósofo padecessem de caráter esotérico e os últimos fragmentários, seu nome foi ganhando uma aura.**
- (C) Embora se considerem o caráter esotérico e fragmentário dos primeiros e últimos trabalhos, seu nome de filósofo foi recebendo aura.**
- (D) A despeito de os primeiros trabalhos do filósofo terem caráter esotérico e os últimos, fragmentário, seu nome foi ganhando uma aura.**
- (E) Seu nome de filósofo foi ganhando aura mesmo sendo esotérico nos primeiros trabalhos, e tendo caráter fragmentário nos últimos.**

Comentário: A resposta da questão encontra-se na assertiva (D). Inicialmente, o conectivo “apesar de” foi adequadamente empregado, exprimindo uma relação de concessão entre as orações. Por sua vez, o trecho “de os primeiros trabalhos do filósofo” foi corretamente construído: a

expressão “os primeiros trabalhos do filósofo” desempenha a função de sujeito do verbo “ter”, razão por que a preposição “de” não se contraiu com o artigo definido “os”. Por fim, a vírgula empregada após o vocábulo “últimos” é vicária, isto é, foi utilizada para omitir um elemento no contexto; no caso em análise, o vocábulo “caráter”.

Vejam alguns erros das demais opções:

- a) Errada. No trecho “Foi ganhando uma aura o filósofo, que já tinha nome”, a oração destacada exprime valor explicativo, alterando o sentido inicial do excerto original. Por sua vez, o verbo “ser” deveria ter sido conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo, mantendo uma adequada correção com o o verbo “ir”, constante do segmento “Foi ganhando (...)”. Portanto, o adequado é “Foi ganhando uma aura (...), ainda que seus trabalhos fossem (...)”.
- b) Errada. Segundo a construção original, os primeiros trabalhos do filósofo não careciam de caráter esotérico, consoante informação exprimida pela reescritura “os primeiros trabalhos do filósofo padecessem de caráter esotérico”.
- c) Errada. Segundo a reescritura, o excerto traz a informação de que tanto os primeiros quanto os últimos trabalhos possuem caracteres esotéricos e fragmentários. Entretanto, em conformidade com a informação original, apenas os primeiros trabalhos possuem caráter esotérico, e os últimos, fragmentários.
- e) Errada. Em conformidade com a reescrita, o nome do filósofo era esotérico. Contudo, segundo com a informação original, essa característica pertence aos primeiros trabalhos.

Gabarito: D.

24. O segmento do texto que está corretamente entendido é:

- (A) como se tivesse se tornado radioativo / à semelhança de algo que adquirisse propriedade de emanar energia.**
- (B) fascinação de sua pessoa e oeuvre / forte encantamento que elidia criador e criatura.**
- (C) magnética atração / fascínio emitido de forças internas inexploradas.**
- (D) rejeição horrorizada / desdém que provoca pânico coletivo.**
- (E) tudo se metamorfoseava / o entorno adquiria formas que se sucediam ininterruptamente.**

Comentário: A resposta da questão encontra-se na assertiva (A). Há perfeita equivalência contextual entre as expressões “como tivesse se tornado” e “à semelhança de”, exprimindo matiz semântico de comparação. Por sua vez, a expressão “propriedade de emanar energia” condiz com o vocábulo “radioativo”.

Vejam alguns erros das demais opções.

- b) Errada. A forma verbal “elidir”, que significa “eliminar, suprimir”, destoa da informação expressa pelo excerto “fascinação de sua pessoa e oeuvre”. Segundo a informação original, a fascinação não causa eliminação ou supressão de pessoa e oeuvre.
- c) Errada. Não há significação contextualmente equivalente entre o vocábulo “magnética” e a expressão “forças internas inexploradas”.
- d) Errada. Os vocábulos “rejeição” e “desdém” se equivalem contextualmente. Contudo, o adjetivo “horrorizada” não implica necessariamente “pânico”, consoante informação expressa pela reescrita.
- e) Errada. Em “tudo se metamorfoseava”, o contexto traz a ideia de transformação, informação diversa da expressão “formas que se sucediam ininterruptamente”.

Gabarito: A.

25. Considerado o contexto, é correto o que se afirma em:

- (A) A expressão ao pensar (linhas 27 e 28) traduz uma condição.**
- (B) O emprego de só, na linha 6, traz implícita uma ideia de exclusão.**
- (C) O advérbio mesmo, em mesmo porque (linha 23), introduz retificação acerca do afirmado anteriormente.**
- (D) Em onde quer que ele caísse (linha 9), onde está empregado em conformidade com o padrão culto escrito, assim como o está em: “Se ele insistir, é onde direi que tenho dele as piores impressões”.**
- (E) Ao acolherem termo sinônimo de *formulação instantânea*, sem nada lhe acrescentar, os travessões (linhas 24 e 25) justificam-se como recurso para dar ênfase à expressão que caracteriza a arte (linha 24).**

Comentário: Vamos analisar as assertivas.

A) Errada. No contexto, a expressão “ao pensar” exprime valor temporal. Reparem que, no excerto “alguém que criava a verdade ou a adquiria ao pensar”, a expressão destacada pode ser traduzida por “quando pensava”.

B) **Esta é a resposta da questão.** De fato, no contexto em que foi empregado, o vocábulo “só” é uma palavra denotativa de exclusão, equivalendo a “apenas”: “A fascinação de sua pessoa e oeuvre APENAS deixou a alternativa da magnética atração ou da rejeição horrorizada”. Portanto, este é o gabarito.

C) Errada. No segmento “(...) parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, mesmo porque a sua maneira (...)”, o vocábulo “mesmo” é uma palavra denotativa de inclusão, sendo sinônimo de “inclusive”, “até”: “(...) parecia ao mesmo tempo não ter nenhuma participação nelas, inclusive/até porque a sua maneira (...)”.

D) Errada. No excerto “onde quer que ele caísse”, o vocábulo “onde” foi corretamente empregado, por se referir a lugar. Contudo, no período “Se ele

insistir, é onde direi que tenho dele as piores impressões”, o emprego dessa palavra não encontra respaldo gramatical, acarretando, sobretudo, erro. Para corrigir esse equívoco, o adequado será redigir o trecho da seguinte forma: “Se ele insistir, direi que tenho dele as piores impressões”.

E) Errada. O vocábulo “definitiva” foi empregado entre travessões não para proporcionar ênfase, mas sim para apresentar um tom explicativo à expressão “formulação instantânea”.

Gabarito: B.

ANALISTA DE CONTROLE EXTERNO – TCE/AP

Atenção: As questões de números 1 a 8 referem-se ao texto abaixo.

Na mídia em geral, nos discursos políticos, em mensagens publicitárias, na fala de diferentes atores sociais, enfim, nos diversos contextos em que a comunicação se faz presente, deparamo-nos repetidas vezes com a palavra cidadania. Esse largo uso, porém, não torna seu significado evidente. Ao contrário, o fato de admitir vários empregos deprecia seu valor conceitual, isto é, sua capacidade de nos fazer compreender certa ordem de eventos. Assim, pode-se dizer que, contemporaneamente, a palavra cidadania atende bastante bem a um dos usos possíveis da linguagem, a comunicação, mas caminha em sentido inverso quando se trata da cognição, do uso cognitivo da linguagem. Por que, então, a palavra cidadania é constantemente evocada, se o seu significado é tão pouco esclarecido?

Uma resposta possível a essa indagação começaria por reconhecer que há considerável avanço da agenda igualitária no mundo e, decorrente disso, a valorização sem precedentes da ideia de direitos. De fato, tornou-se impossível conceber formas contemporâneas de interação entre indivíduos ou grupos sem que a referência a direitos esteja pressuposta ou mesmo vocalizada. Direitos, por isso, sustentam uma espécie de argumentação pública permanente, a partir da qual os atores sociais agenciam suas identidades e tentam ampliar o escopo da política de modo a abarcar suas questões. Tais atores constroem-se, portanto, em público, pressionando o sistema político a reconhecer direitos que julgam possuir e a incorporá-los à agenda governamental.

(Maria Alice Rezende de Carvalho. “Cidadania e direitos”. In: **Agenda brasileira**: temas de uma sociedade em mudança. André Botelho e Lilia Moritz Schwarcz (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 104)

1. No texto, a autora:

(A) censura a mídia, os políticos e os publicitários, em geral, por produzirem mensagens redundantes e pouco precisas no que se refere ao emprego da palavra “cidadania”, com o que deturpam o conceito a que ela remete.

(B) comenta o uso pouco criterioso da palavra “cidadania”, fato que, por conta da impropriedade, prejudica a compreensão de mensagens formuladas no padrão culto da linguagem.

(C) aponta a diversidade de atores sociais como responsável pela alteração do sentido original da palavra “cidadania”, fato determinante de que, na contemporaneidade, se lhe atribua sentido oposto ao etimologicamente reconhecido.

(D) expressa opinião sobre o modo de ocorrência da palavra “cidadania”, oportunidade de evidenciar que a alta frequência de uso de uma palavra não implica que esteja assegurada a adequada percepção do fenômeno que ela nomeia.

(E) indaga sobre o que ocorre com a palavra “cidadania”, tomando-a como exemplo da típica atitude contemporânea no que se refere à linguagem – reprovável descuido quanto aos distintos contextos de uso de vocábulos –, foco este de sua reflexão.

Comentário: Questão de compreensão textual, cuja resposta está expressa no texto. Há uma opinião da autora em relação à frequência com que o vocábulo “cidadania” é empregado na “mídia em geral, nos discursos políticos, em mensagens publicitárias, na fala de diferentes atores sociais, enfim, nos diversos contextos em que a comunicação se faz presente”. Esse posicionamento de Maria Alice (autora) fica evidenciado no excerto “Esse largo uso, porém, não torna seu significado evidente. Ao contrário, o fato de admitir vários empregos deprecia seu valor conceitual”.

Nas demais opções, temos:

- a) Não há uma censura à utilização do vocábulo “cidadania” na mídia, nos discursos políticos e nas mensagens publicitárias, conforme se percebe no excerto “na mídia em geral, nos discursos políticos, em mensagens publicitárias, na fala de diferentes atores sociais, enfim, nos diversos contextos em que a comunicação se faz presente, deparamo-nos repetidas vezes com a palavra cidadania”. Na continuação desse segmento, a autora apenas critica o largo uso desse vocábulo, dizendo que isso “não torna seu significado evidente”. Entretanto, ela não censura a ocorrência dessa palavra “nos diversos contextos”.
- b) O texto não nos fornece informações que permitam concluir o uso pouco criterioso do vocábulo “cidadania”. Houve um erro de extrapolação, ou seja, a alternativa extravasou as ideias constantes do texto.
- c) No texto, a autora aponta o “considerável avanço da agenda igualitária no mundo e, decorrente disso, a valorização sem precedentes da ideia de direitos” como uma possível causa para a alteração do significado de “cidadania”.
- e) A autora não menciona que há descuido no uso de “cidadania” nos diversos contextos em que ocorre. No decorrer do texto, ela apenas menciona que o emprego desse vocábulo “atende bastante bem a um dos usos possíveis da linguagem, a comunicação, mas caminha em sentido inverso quando se trata da cognição, do uso cognitivo da linguagem”.

Gabarito: D.

2. No segundo parágrafo do texto,

- (A) levanta-se a hipótese de a agenda igualitária chegar a conquistar avanços expressivos no mundo todo, quando, então, serão devidamente valorizados os direitos da cidadania.
- (B) está sugerido que os direitos humanos são concedidos de modo diferenciado na dependência de se fazerem presentes de modo implícito ou explícito.
- (C) elege-se uma proposição que se toma como um princípio a partir do qual se pode deduzir um determinado conjunto de consequências, que explicariam o uso reiterado da palavra “cidadania”.
- (D) argumenta-se a favor de que a luta pelos direitos deve dar-se tanto no âmbito individual, quanto no coletivo, visto que, de fato, a interação humana se dá tanto entre indivíduos, quanto entre grupos.
- (E) detalha-se, na tentativa de responder de modo consistente à pergunta proposta no parágrafo anterior, o modo equivocado como se dá a interação entre os atores sociais e o sistema político.

Comentário: Novamente, temos uma questão de compreensão textual, cuja resposta se encontra na assertiva (C). No segundo parágrafo do texto, a autora apresenta uma possível resposta à indagação feita no segmento anterior, elegendo “o avanço da agenda igualitária no mundo e, decorrente disso, a valorização sem precedentes da ideia de direitos” como uma das causas que explicariam o uso reiterado de “cidadania” nos contextos. Portanto, este é o gabarito da questão.

Gabarito: C.

3. Afirma-se com correção:

- (A) (linhas 1 a 5) Os termos que compõem a sequência inicial do texto estão todos citados sob a mesma perspectiva, a da completa determinação.
- (B) (linhas 5 e 6) Se a frase *Esse largo uso, porém, não torna seu significado evidente* fosse organizada de maneira distinta, a formulação “Seu significado não se torna evidente, mas seu uso é amplo” preservaria a correção e o sentido originais, considerado o contexto.

- (C) (linha 8) O modo como o segmento que sucede a *isto* é está redigido comprova que a expressão introduz um típico verbete de dicionário.
- (D) (linhas 10 a 11) O segmento *a palavra cidadania atende bastante bem a um dos usos possíveis da linguagem* teria seu sentido e correção preservados em “Da palavra cidadania pode-se dizer que não é nada mal o seu atendimento a um dos usos possíveis da linguagem”.
- (E) (linhas 13 a 15) Variante da redação da autora, a frase “Então, se o seu significado é tão pouco esclarecido, a palavra ‘cidadania’ é constantemente evocada por quê?”, está em conformidade com o padrão culto escrito e preserva o sentido do enunciado original.

Comentário: O gabarito da questão encontra-se na assertiva (E). No trecho “Então, se o seu significado é tão pouco esclarecido, a palavra ‘cidadania’ é constantemente evocada por quê?”, houve respeito ao sentido original e ao padrão culto da língua, pois: (i) as vírgulas antes e após o excerto “se o seu significado é tão pouco esclarecido” foram empregadas corretamente para demarcar a antecipação da oração subordinada adverbial; (ii) a forma “por quê” se situa em uma pergunta direta e, por estar no final da frase, foi corretamente grafada com acento circunflexo.

Vejam as demais opções:

- a) Não há um rol taxativo, isto é, determinado com o uso dos termos “mídia”, “discursos políticos”, “mensagens publicitárias”. Esses elementos são apenas alguns exemplos de contextos em que a palavra “cidadania” é empregada comumente.
- b) De fato, a reescrita mantém a correção gramatical do trecho inicial. Entretanto, há uma incoerência semântica ao empregar o conector “mas”, exprimindo ideia de adversidade entre as sentenças. Para corrigir o desvio, seria necessário substituir esse conector por uma conjunção explicativa: Seu significado não se torna evidente, pois (= porque) seu uso é amplo”.
- c) A expressão “isto é” denota ideia de retificação, ou seja, há uma explicação do termo citado anteriormente.
- d) O trecho reescrito não apresenta incorreção gramatical; contudo, apresenta alteração do sentido original do texto.

Gabarito: E.

4. A formulação que equivale ao segmento original transcrito é:

- (A) *diferentes atores sociais* / distintos líderes comunitários.
- (B) *nos diversos contextos em que a comunicação se faz presente* / nas variadas situações em que se impõe um frutífero diálogo.
- (C) *é constantemente evocada* / é via de regra proferida com solenidade.
- (D) *valorização sem precedentes* / sublimação inédita.
- (E) *formas contemporâneas de interação* / modos inovadores de ação compartilhada.

Comentário: Questão sobre significação contextual de palavras e expressões. Há perfeita equivalência contextual entre as expressões “valorização sem precedentes” e “sublimação inédita”.

Nas demais opções, temos:

- a) A expressão “atores sociais” não apresenta grau de restrição, ideia contida em “líderes comunitários”.
- b) Não uma correspondência necessária entre “comunicação” e “frutífero diálogo”.
- c) O vocábulo “evocar” (chamar) não se refere a “proferida com solenidade”.
- e) Novamente, não há uma obrigatória correspondência entre os vocábulos “contemporâneas” e “inovadores”.

Gabarito: D.

5. *Direitos, por isso, sustentam uma espécie de argumentação pública permanente, a partir da qual os atores sociais agenciam suas identidades e tentam ampliar o escopo da política de modo a abarcar suas questões.*

Considerada a frase acima, estarão assegurados a correção, a clareza e o sentido originais na substituição de:

- (A) *sustentam uma espécie de argumentação pública permanente* **por** "confirmam a homologia com a argumentação pública permanente".
(B) *a partir da qual* **por** "a partir de quê".
(C) *de modo a abarcar* **por** "com vistas à abranger".
(D) *agenciam sua identidade* **por** "advogam benesses em função de sua identidade".
(E) *tentam ampliar o escopo da política de modo a abarcar suas questões* **por** "intentam maior abrangência da ação política de sorte que lhes contemple os interesses".

Comentário: Há total correspondência de significado e manutenção da clareza e da correção na substituição sugerida na opção (E). As expressões "ampliar o escopo" e "maior abrangência" possuem a mesma significação, sendo, portanto, equivalentes no contexto em que se inserem. Por sua vez, as locuções "de modo a" e "de sorte que", significando "de maneira que". Por fim, também há equivalência contextual entre os vocábulos "questões" e "interesses". Logo, esta é a resposta da questão.

Vejamos alguns desvios das demais opções:

- a) Errada. Inicialmente, o vocábulo "homologia", que significa "qualidade do que é homólogo", isto é, "repetição das mesmas palavras no discurso" não se assemelha, contextualmente, à palavra "espécie". Por fim, a reescrita altera o sentido original, exprimindo a informação de que há uma confirmação por intermédio da "argumentação pública permanente", enquanto o período original defende a tese de que "uma espécie (tipologia) de argumentação pública permanente é sustentada".
b) Errada. A expressão "a partir de quê" prejudica a correção gramatical do período. Para corrigir esse desvio, é preciso transcrever "a partir de que", ou seja, por ser átono, o "que" deve ser grafado sem acento circunflexo.
c) Errada. Há desvio gramatical na reescrita "com vistas à abranger", pois não se emprega o acento grave indicativo de crase antes de verbos.
d) Errada. Há alteração do sentido original na reescrita "advogam benesses em função de sua identidade", pois a forma verbal "advogam" significa "defender, patrocinar", ao passo que "agenciam" traz a acepção de "trabalhar, procurar, solicitar".

Gabarito: E.

6. *Tais atores constroem-se, portanto, em público, pressionando o sistema político a reconhecer direitos que julgam possuir e a incorporá-los à agenda governamental.*

Considerada a frase acima, é correto afirmar:

- (A) À forma *constroem-se* corresponde, no singular, a forma "constróe-se".
(B) O contexto exige que à forma verbal *pressionando* seja atribuído unicamente o sentido condicional.
(C) O emprego de *julgam* sinaliza que a autora se preserva de assumir que os direitos reivindicados pelos *Tais atores* sejam efetivamente direitos deles.
(D) O padrão culto escrito abona não só a construção *julgam possuir*, como, também, a forma "julgam possuírem".
(E) Em *e a incorporá-los à agenda governamental*, o termo destacado estabelece a conexão lógica entre esse segmento final da frase e o imediatamente anterior (*que julgam possuir*).

Comentário: A resposta da questão encontra-se na assertiva (C). De fato, o emprego do verbo “julgar” no contexto isenta a autora de opinião acerca dos direitos reivindicados pelos tais atores. É uma forma de a autora se esquivar da opinião alheia.

Vejamos as demais opções:

- a) Errada. Na forma “constroem-se”, há uma construção de voz passiva sintética (V.T.D + “se” – pronome apassivador). Entretanto, não há equivalência com a forma “constrói-se”, pois o verbo “construir” deve concordar com o sujeito paciente “Tais atores”. Ademais, há erro ortográfico em “contrói-se”. Caso o sujeito estivesse no singular (tal ator), o correto seria “contrói-se”. Verbos terminados em “-uir” recebem a vogal “i” na terceira pessoa do singular do presente do indicativo.
- b) No contexto, a forma “pressionando” está empregada no gerúndio, significando “coagindo”. Portanto, a afirmação do examinador está incorreta.
- d) Errada. Na locução verbal “julgam possuírem”, apenas o verbo auxiliar deve ser flexionado. Logo, o correto é “julgam possuir”.
- e) Errada. A forma pronominal “los” faz referência contextual aos “direitos” a que tais atorem julgam possuir, mas não ao trecho anteriormente citado.

Gabarito: C.

7. Considere as assertivas abaixo.

I. (linhas 10 e 11) O segmento *a palavra cidadania atende bastante bem a um dos usos possíveis da linguagem, a comunicação* traz não só uma informação explícita sobre a linguagem, mas também uma subentendida.

II. (linhas 13 a 15) Em *Por que, então, a palavra cidadania é constantemente evocada, se o seu significado é tão pouco esclarecido?*, o segmento introduzido pelo **se** exprime uma condição.

III. (linhas 19 a 23) Em *De fato, tornou-se impossível conceber formas contemporâneas de interação entre indivíduos ou grupos sem que **a referência a direitos** esteja pressuposta ou mesmo vocalizada*, o segmento destacado em negrito exprime uma condicionante do ato indicado no segmento sublinhado.

O texto abona o que consta em:

- (A) I e II, apenas.
(B) II e III, apenas.
(C) I e III, apenas.
(D) III, apenas.
(E) I, II e III.

Comentário: Vamos analisar as frases.

I. Correta. Com efeito, o excerto destacado transmite a informação explícita de que a linguagem é usada para que haja comunicação. Ademais, a expressão “um dos possíveis usos” exprime que é possível utilizar a linguagem com outra finalidade, caracterizando, portanto, uma informação subentendida.

II. Errada. No contexto, o conectivo “se” exprime o matiz semântico de causa, sendo equivalente às locuções “já que”, “uma vez que”: “*Por que, então, a palavra cidadania é constantemente evocada, já que o seu significado é tão pouco esclarecido?*”.

III. Correta. No excerto “sem que **a referência a direitos** esteja pressuposta ou mesmo vocalizada”, o trecho em negrito representa uma condição para que seja possível a concepção de “formas contemporâneas de interação entre indivíduos ou grupos”. Portanto, a afirmativa está de acordo com o texto.

Gabarito: C.

8. *Direitos, por isso, sustentam uma espécie de argumentação pública permanente [...]*

Transpondo a frase acima para a voz passiva, a forma verbal obtida é:

- (A) sustentam-se.
- (B) é sustentada.
- (C) foi sustentada.
- (D) sustentara-se.
- (E) haviam sido sustentadas.

Comentário: Primeiramente, vamos observar as funções sintáticas na voz ativa:

Direitos – sujeito (será o agente da passiva);

sustentam – verbo transitivo direto, o que permite a transposição para a voz passiva (formará a locução verbal de voz passiva – verbo “ser” + particípio de “sustentar”);

uma espécie de argumentação pública permanente – objeto direto (será o sujeito paciente).

Feita a análise, temos a seguinte construção de voz passiva:

Uma argumentação pública permanente é sustentada pelos direitos.

Portanto, a letra (B) é a resposta da questão.

Gabarito: B.

Atenção: As questões de números 9 a 13 referem-se ao texto que segue.

Convenhamos que não é fácil saber o que fazer com as cinzas de um parente que optou por ser cremado. Apenas quando o defunto já deixa escolhido o local onde gostaria de se evaporar, a dificuldade é pouca e se resume a uma questão de logística. Afinal, nem sempre cenários da natureza espetacular como as Cataratas do Iguaçu, o Pico do Jaraguá, a Chapada Diamantina, o Cristo Redentor ou os braços de Iemanjá em mar aberto são acessíveis aos encarregados do luto. Chega agora dos Estados Unidos uma solução alternativa, embora essencialmente voltada para o mercado americano: sua exportação mundo afora ainda é duvidosa. Os dois fundadores da empresa responsável pela inovação, com sede em Stockton, no estado do Alabama, parecem conhecer o consumidor que procuram. “O mais frequente é uma urna com as cinzas do ente querido ficar zelosamente guardada na casa do pranteado por um bom tempo. Com o passar dos anos, porém, a urna migra da sala para o sótão. E, quando, anos mais tarde, a casa é vendida, não raro alguém lembra, penalizado, que as cinzas foram deixadas para trás”, explica Thad Holmes, que também é agente de proteção ambiental.

(Adaptado de “As almas vão rolar”, chegada. **Piauí 62**, novembro 11, p. 8)

9. Em seu texto, o autor:

- (A) busca a adesão do leitor sugerindo estrategicamente que todos podem estar sujeitos à mesma situação familiar aflitiva.
- (B) anuncia a novidade e, apoiando-se nas informações do responsável pela “solução alternativa”, a detalha rigorosamente para o leitor.
- (C) trata com absoluta reverência o assunto da matéria, o que motiva o emprego de linguagem formal, vocabulário técnico e comentários sem qualquer marca de subjetividade.

(D) descreve a complexidade que deriva da morte de um parente e, para dar a entender a dimensão dos problemas envolvidos, resume-os na expressão *uma questão de logística*.

(E) insinua que a novidade americana não estar acessível à exportação é fato deplorável, dado que ela atende a situação comum a todos, entendimento seu evidenciado pelo uso de *Convenhamos*.

Comentário: Questão sobre compreensão textual. No decorrer do texto, o autor lança mão de recursos argumentativos que levam o leitor a aderir sua tese. Primeiramente, utiliza a primeira pessoa do plural em “Convenhamos”, incluindo o receptor da mensagem na história. Posteriormente, cita a expressão “ente querido”, na tentativa de sensibilizar o leitor e levá-lo a crer que esta situação pode afligir qualquer pessoa, inclusive no que se refere à venda da casa do falecido parente anos mais tarde. Portanto, a letra (A) é o gabarito da questão.

Gabarito: A.

10. Considerado o primeiro parágrafo, é correto afirmar:

(A) (linha 1) O emprego de dois-pontos depois de *Convenhamos* mantém a correção da frase, observado o padrão culto escrito.

(B) (linha 3) A palavra *já* tem, no contexto, o sentido de “de pronto”.

(C) (linha 3) A substituição de *onde* por “que” é plenamente aceitável, pois mantém a correção e o sentido originais da frase.

(D) (linha 5) No processo argumentativo, o fundamento do comentário feito no período anterior é introduzido pela palavra *Afinal*.

(E) (linhas 6 a 8) A eleição dos cenários que foram citados foi determinada unicamente pela dificuldade que os locais apresentam para acolher as cinzas de mortos.

Comentário: Vamos analisar as opções.

a) Errada. O emprego do sinal de dois-pontos tornaria o período incorreto. Para empregar esse recurso de pontuação, devemos retirar o “que” antes do advérbio “não”: “Convenhamos: não é fácil (...)”.

b) Errada. No contexto, o vocábulo “já” tem valor temporal, equivalendo ao momento anterior ao óbito.

c) Errada. O vocábulo “onde” deve ser empregado para se referir a lugar físico, o que ocorreu no contexto. Entretanto, a substituição desse pronome relativo deve se dar pela expressão “em que”.

d) **Esta é a resposta da questão.** O vocábulo “Afinal” foi empregado com a finalidade de ratificar as ideias apresentadas no período anterior. Portanto, a letra (D) é o gabarito da questão.

e) Errada. Os cenários não foram eleitos apenas pela dificuldade de acolher as cinzas dos mortos. As ideias do texto nos permitem inferir, também, que podem existir outras dificuldades (financeira, por exemplo) dos encarregados pelo luto para deslocar as cinzas para esses locais.

Gabarito: D.

11. É legítimo afirmar que, na matéria que noticia a novidade,

(A) (linha 11) a palavra *embora* estabelece conexão entre duas orações de sentido dessemelhante, determinando que, a verificar-se um dos fatos mencionados, o outro deixará de se cumprir.

(B) (linha 12) a observação da relação lógica entre os segmentos da frase em que se encontram os dois pontos permite deduzir que esse sinal de pontuação está incorretamente empregado.

(C) (linha 14) o segmento *com sede em Stockton* equivale a “cuja a sede é em Stockton”.

(D) (linha 15) a expressão *o consumidor* remete obrigatoriamente ao tipo de cliente desejado pela empresa: aquele que, cauteloso, deixa estabelecido todo o procedimento do seu próprio funeral.

(E) (linhas 12 a 15) o autor revela cautela ao avaliar o conhecimento dos dois fundadores da empresa responsável pela inovação, no que se refere aos consumidores que objetivam conquistar.

Comentário: É legítima a afirmação contida na assertiva (E). Durante a apresentação da novidade, o autor utiliza o trecho “sua exportação mundo afora ainda é duvidosa”, exprimindo sua opinião cautelosa em relação à inovação norte-americana. Em seguida, o autor do texto emprega o verbo “parecer” no trecho “parecem conhecer o consumidor que procuram”, proporcionando o aspecto de esmero (cuidado) no que se refere à adesão à solução alternativa.

Gabarito: E.

Atenção: Para responder às questões de números 12 e 13, considere o texto abaixo.

“O mais frequente é uma urna com as cinzas do ente querido ficar zelosamente guardada na casa do pranteado por um bom tempo. Com o passar dos anos, porém, a urna migra da sala para o sótão. E, quando, anos mais tarde, a casa é vendida, não raro alguém lembra, penalizado, que as cinzas foram deixadas para trás”, explica Thad Holmes, que também é agente de proteção ambiental.

12. Sobre o que se tem no excerto acima transcrito, a única afirmação INCORRETA é:

(A) A referida migração da sala para o sótão exprime que o respeito inicial pelas cinzas, com o tempo, sofre um rebaixamento.

(B) O emprego das formas verbais no presente do indicativo confirma que os estados ou ações referidos são considerados constantes, constituindo-se como espécie de conduta regular.

(C) O segmento *E, quando, anos mais tarde, a casa é vendida* sugere que o destino da casa de um morto é bastante previsível.

(D) O emprego de *pranteado* faz entender que o morto é pessoa de reconhecida ação social, que, por conta disso, recebeu algum título ou outra honraria.

(E) O fato de citar-se que Thad Holmes *também é agente de proteção ambiental* possibilita a expectativa de que surja posteriormente algum comentário relacionado ao meio ambiente.

Comentário: A informação incorreta é encontrada na opção (D). O vocábulo “pranteado” é participio do verbo “prantear” e significa “lastimado”, “por quem se chorou”. Trata-se de uma referência a uma pessoa que perdeu um ente querido devido ao óbito. Portanto, não se trata do recebimento de título ou honraria, estando errada a afirmação do examinador.

As demais opções, por sua vez, estão corretas.

Gabarito: D.

13. Se alguém quisesse relatar, com discurso próprio, algo do que Thad Holmes esclareceu na passagem acima, estaria se expressando corretamente assim:

- (A) Thad Holmes explica que, por ocasião de a casa ser vendida, passados anos de a urna ter migrado da sala para o sótão, alguém certamente lembrará, penalizado, que as cinzas foram deixadas para trás.
- (B) Thad Holmes explica que: *Com o passar dos anos, porém, a urna migra da sala para o sótão, para, anos mais tarde, ser vendida.*
- (C) Thad Holmes explicou que, quando anos mais tarde, a casa foi vendida, não raro alguém lembrou que as cinzas foram deixadas para trás.
- (D) Explica Thad Holmes – *“O mais frequente é uma urna com as cinzas do ente querido ficar zelosamente guardada na casa do pranteado por um bom tempo”*, e acrescenta que a urna, com o passar do tempo, migrou da sala para o sótão.
- (E) Explica Thad Holmes que alguém sempre lembra, penalizado, que as cinzas são deixadas para trás, isso quando a casa é vendida anos mais tarde, passando anos em que a urna migra da sala para o sótão.

Comentário: A citação do excerto é uma explicação feita por Thad Holmes. Porém, caso alguém pretendesse relatar o discurso com suas próprias palavras, e de forma correta, deveria fazê-lo conforme a construção presente na assertiva (A). O enunciado original e a transcrição proposta na mencionada opção preservam o sentido inicial e a correção gramatical.

Vejamos alguns equívocos cometidos nas demais opções:

- b) O sinal de dois-pontos deve ser substituído por uma vírgula antes do excerto “com o passar dos anos”, o qual desempenha a função de adjunto adverbial. Ademais, o trecho menciona que a urna foi vendida, contrariando a informação original.
- c) Faltou uma vírgula após o conectivo temporal “quando”, a fim de isolar o adjunto adverbial deslocado “anos mais tarde”.
- d) O travessão deve ser substituído pelo sinal de dois-pontos, iniciando a citação de Thad Holmes. Além disso, o trecho “e acrescenta que a urna (...)” faz parte da citação, devendo figurar também entre aspas.
- e) O trecho não foi redigido de forma clara e coerente, além de modificar o sentido original do texto, conforme o excerto “isso quando a casa é vendida anos mais tarde, passando anos em que a urna migra da sala para o sótão”.

Gabarito: A.

14. Considere os enunciados que seguem.

I. Os debates se sucederam.

II. O projeto ganhou consistência.

III. O projeto chegou ao ponto de ser encampado por renomados especialistas.

IV. Os renomados especialistas se responsabilizaram pelo levantamento da verba necessária à execução do projeto.

As quatro frases estão conectadas de maneira clara e correta em:

- (A) À medida que se sucediam os debates, o projeto foi ganhando consistência, até o ponto de ser encampado por renomados especialistas, que se responsabilizaram pelo levantamento da verba necessária a sua execução.

- (B) Os renomados especialistas se responsabilizaram pelo levantamento da verba necessária à execução do projeto que os sucessivos debates deram consistência, ao ponto que eles o encamparam.
- (C) O projeto ganhou consistência e chegou ao ponto em que renomados especialistas lhe encamparam, depois dos debates que se sucederam, e também se responsabilizando pelo levantamento da verba necessária à sua execução.
- (D) O levantamento da verba necessária à execução do projeto ficou na responsabilidade dos renomados especialistas que o encamparam, pois, dado os sucessivos debates, ele ganhou consistência até esse ponto.
- (E) A consistência que o projeto ganhou na medida dos sucessivos debates chegou até o ponto dos renomados especialistas se responsabilizarem pelo levantamento da verba necessária à sua execução, que encamparam.

Comentário: A correta articulação entre as frases é encontrada na assertiva (A).

Inicialmente, devemos iniciar a construção pela oração que não apresenta referencial anterior, pois ela introduzirá o assunto a ser tratado. Por essa razão, o excerto inicial é “os debates se sucederam”.

Em seguida, reparem que houve a inserção da locução conjuntiva proporcional “à medida que”, exprimindo uma ação concomitante com o fato de o projeto ganhar consistência. Dessa forma, o trecho que inicia o período é “À medida que se sucediam os debates, o projeto foi ganhando consistência”. Notem que a ação de suceder os debates é simultânea à de ganhar consistência.

A oração seguinte, por sua vez, deve apresentar uma relação lógica com o vocábulo “projeto”, isto é, deve contemplar uma referência textual em relação a essa palavra. No trecho “até o ponto de ser encampado por renomados especialistas”, encontramos a referência ao projeto no adjetivo em destaque. Então, até o momento, temos a seguinte construção: “À medida que se sucediam os debates, o projeto foi ganhando consistência, até o ponto de ser encampado por renomados especialistas”.

Por fim, o período deve ser finalizado por uma oração que apresenta um nexos textual que faça coesão com a expressão “renomados especialistas”. Isso ocorre no trecho “que se responsabilizaram (...)”, pois o pronome relativo “que” retoma a locução mencionada.

Vejamos alguns erros das demais opções, temos:

- b) No excerto “projeto que os sucessivos debates deram consistência”, o verbo “dar” é transitivo direto e indireto, regendo o emprego da preposição “a” antes do pronome relativo “que”. Portanto, o correto é “projeto a que os sucessivos debates deram consistência”.
- c) O verbo “encampar” é transitivo direto. Portanto, no trecho “renomados especialistas lhe encamparam”, a forma pronominal “lhe” deve ser substituída pelo pronome oblíquo “o”.
- d) A forma “na”, constante do trecho “ficou na responsabilidade dos renomados especialistas” deve ser substituída por “sob a”. Por sua vez, a forma pronominal oblíqua “o” causou ambiguidade no trecho “renomados especialistas o encamparam”, pois pode referir-se tanto ao “levantamento” quanto ao “projeto”.
- e) A expressão “na medida” deve ser substituída pela locução conjuntiva causal “na medida em que”. Ademais, seria necessário fazer algumas alterações no excerto, resultando na seguinte construção: “A consistência que o projeto ganhou na medida em que os sucessivos debates se sucediam chegou até o ponto em que os renomados especialistas (...)”.

Gabarito: A.

15. Considere a frase abaixo e os três comentários que a seguem.

É evidente que, ao não detalhar no depoimento os dados que já havia oferecido, e que permitiriam a elucidação dos fatos investigados, os torna mais nebulosos.

I. A expressão *É evidente* indica a atitude daquele que produziu a frase: ele cria para o interlocutor o dever de crer no que foi afirmado, dificultando, assim, contestação à sua assertiva.

II. A expressão *havia oferecido* denota fato passado ocorrido anteriormente ao outro fato também ocorrido no passado.

III. O emprego do pronome *os* produz ambiguidade, que seria dissolvida se o segmento *os torna* fosse substituído por “torna estes” ou “torna aqueles”, alternativa definida pelo sentido que se deseja atribuir à frase.

É legítimo o que se afirma em;

- (A) I, apenas.
- (B) I e II, apenas.
- (C) III, apenas.
- (D) II e III, apenas.
- (E) I, II e III.

Comentário: Considerando as frases acima, verificamos que:

(i) a expressão “É evidente” constitui um recurso argumentativo empregado por quem produziu a frase. Por meio do modalizador semântico “evidente”, o autor, ao mesmo tempo, expõe sua opinião e induz o leitor a aderir as ideias expressas na superfície textual. Portanto, a frase está correta;

(ii) a estrutura “havia oferecido”, formada pelo verbo “haver” flexionado no pretérito imperfeito do indicativo, seguido do particípio de “oferecer”, denota o pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo. Conforme nos ensinam as lições gramaticais, esse tempo verbal denota uma ação pretérita anterior à outra, também passada. Logo, a afirmativa está correta;

(iii) de fato, o emprego da forma pronominal oblíqua “os” causa ambiguidade na estrutura. No contexto, esse pronome pode referir-se tanto a “dados” quanto a “fatos investigados”. A solução proposta pelo examinador da banca resolveria o vício de linguagem:

É evidente que, ao não detalhar no depoimento os dados que já havia oferecido, e que permitiriam a elucidação dos fatos investigados, torna aqueles (=os dados) mais nebulosos.

É evidente que, ao não detalhar no depoimento os dados que já havia oferecido, e que permitiriam a elucidação dos fatos investigados, torna estes (=fatos investigados) mais nebulosos.

Gabarito: E.

16. A frase que está em conformidade com a ortografia oficial é:

- (A) Não interessa recaptular a indesejável dissensão, mas sim aliviar as tensões agudizadas pelo desnecessário enxerto de questões polêmicas.
- (B) Sempre quis ser assessora de moda em lojas, mas eram tantos os empecilhos, que acabou por vencer a ojeriza de coser sob encomenda e, com isso, tornou-se grande costureira.

- (C) Endoidescia o marido com seus gastos extravagantes, pois acreditava que o tão desejado charme era questão de plumas e brilhos esplendorosos, de preferência, vindos do exterior.
- (D) Quando disse que não exitaria em abandonar o emprego de sopetão e ir relaxar numa praia distante, lhe disseram que seria sandice, mas não conseguiram vencer o fascínio da aventura.
- (E) Representava na peça um cafageste que tratava a todos com escárneo, mas sua atuação era sempre tão fascinante que diariamente angariava a simpatia de toda a platéia.

Comentário: A frase escrita de forma totalmente correta encontra-se na assertiva (B). Inicialmente, o vocábulo “assessora” foi adequadamente grafado com “SS”. Por sua vez, “empecilho” foi escrito com a vogal inicial “e”. Já a palavra “ojeriza”, obedeceu às regras ortográficas ao ser grafada com “j”. Por fim, “coser” (costurar) foi adequadamente escrito com “s”, valendo chamar a atenção para a existência do parônimo “cozer” (cozinhar).

Vejamos as demais opções:

- a) Errada. O vocábulo “dissensão” (falta de entendimento ou divergência de opiniões) foi grafado corretamente, ocorrendo o mesmo com a forma verbal “agudizar” (aguçar). Entretanto, o vocábulo “recaptular” foi grafado sem a vogal “i”: “recapitular”.
- c) Errada. A forma verbal “endoidescia” é proveniente de “endoidecer”. Portanto, a grafia correta é “endoidecia”.
- d) Errada. No contexto, a forma “exitaria” deve ser substituída por “hesitaria” (duvidar, titubear), proveniente de “hesitar”. Por fim, o vocábulo “sopetão” deve ser corrigido: supetão (de repente, de súbito).
- e) Errada. O vocábulo “cafajeste” deve ser grafado com “j”. Por sua vez, “escárnio” (zombaria, menosprezo) também deve ser corrigido. Por fim, o vocábulo “plateia” não recebe mais o acento agudo após a vigência do novo acordo ortográfico.

Gabarito: B.

17. Do ponto de vista da regência, a frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito é:

- (A) Vive dizendo que, para ele, nos fins de semana, nada melhor como pegar um bom livro e lê-lo até o fim.
- (B) Depois de tanto esforço dos que o acolheram, nem sequer se dignou de apresentar pessoalmente suas despedidas.
- (C) O exagero no consumo de bebidas alcoólicas na formatura ocasionou em um fim trágico.
- (D) As vítimas mais graves do engavetamento foram atendidas ao Hospital das Clínicas.
- (E) Acredito, sinceramente, de que o melhor a fazer é afastá-lo da comissão.

Comentário: Inicialmente, o verbo “acolher” é transitivo direto, o que justifica o emprego da forma pronominal oblíqua “o” no trecho “dos que o acolheram”. Por fim, a forma verbal “dignar-se” é transitiva indireta, regendo o emprego da preposição “de” no complemento “apresentar pessoalmente suas despedidas”. Portanto, o gabarito da questão é a letra (B).

Vejamos as demais opções:

- a) Errada. O adjetivo comparativo “melhor” rege o emprego da expressão “do que”: “(...) nada melhor do que pegar um bom livro (...)”.
- c) Errada. O verbo “ocasionar” é transitivo direto, isto é, não rege o emprego de preposição. Portanto, o elemento “em” deve ser retirado do excerto “ocasionou em um fim trágico”.
- d) Errada. O verbo “atender” rege o emprego da preposição “em”, a qual se contrairá com o artigo definido “o”, do termo regido “Hospital das Clínicas”: “(...) foram atendidas no Hospital das Clínicas”.

e) Errada. O verbo “acreditar” é transitivo direto. Portanto, deve-se omitir a preposição “de” do trecho “de que o melhor a fazer (...)”.

Gabarito: B.

18. A frase redigida corretamente é:

(A) No caso de elas virem até nós, teremos a oportunidade de esclarecer por que os documentos ainda não foram liberados, e também reiterar que o diretor os mantém devidamente resguardados.

(B) Quanto aos fabricantes, se se contraporem à decisão do juiz, terão de apresentar provas convincentes, que, segundo eles mesmos, não é garantia de sortir efeito em nova deliberação.

(C) Esclareço hoje, a uma semana da audiência de conciliação, que um acordo só será aceito por meu cliente se lhe convir não só o montante da indenização, mas também a forma de pagamento.

(D) Quando entrevisto candidatos, sempre os arguo acerca de sua descrição quanto a assuntos profissionais, pois esse é um dos quesitos avaliados no processo de ascensão na empresa.

(E) Ele incendia todas as reuniões com essa mania de projetos mirabolantes, a ponto de sempre alguém freiar sua participação em comissões de eventos.

Comentário: A frase redigida em conformidade com o padrão culto escrito encontra-se na assertiva (A). Inicialmente, o pronome “elas” é sujeito da forma verbal “virem”, razão por que não pode ser preposicionado. Estaria errada a construção “No caso **delas** virem até nós”. Por fim, a forma verbal “mantém” concorda no singular com o sujeito “o diretor”.

Vejamos as demais opções:

b) Errada. A forma verbal “se contraporem” foi incorretamente conjugada, devendo ser empregada no futuro do subjuntivo: se contrapuserem. Dessa forma, haverá uma relação harmônica, isto é, uma adequada correlação entre os verbos “contrapor-se” e “ter”. Por sua vez, a expressão “provas convincentes” é sujeito sintático da forma verbal “é”. Por essa razão, o correto é “são”: “(...) provas convincentes, que (...) não são garantia”. Finalmente, o vocábulo “sortir” (preencher) deve ser substituído por seu parônimo “surtir”.

c) Errada. Houve erro na flexão do verbo “convir”. A forma correta é “convier”.

d) Errada. O vocábulo “descrição” (ato de descrever) deve ser substituído pelo parônimo “discrição” (qualidade daquele que é discreto).

e) Errada. O verbo “incendiar” integra o rol dos verbos finalizados em “-iar” e que são irregulares. Portanto, deve receber a vogal “e” na terceira pessoa do singular (forma rizotônica): Ele incendeia. Por fim, o verbo “frear” é regular, devendo ser flexionado da seguinte forma: “frear”.

Gabarito: A.

19. A frase redigida de forma clara e correta é:

(A) Funcionários sem acesso à sala das telefonistas confirmaram que deviam ter havido mais de dez chamadas para, segundo se apurou posteriormente, denunciar o falsário, e ninguém atendendo, perdeu-se a oportunidade de prendê-lo aonde estava.

(B) Existem, sim, grandes possibilidades de essa reutilização de tecidos com defeitos dar certo, entretanto é necessário que haja algumas reuniões, sejam quem forem os consultores, para definirem-se as linhas gerais do negócio.

(C) Talvez alguns não deem importância ao relato do chefe dos pedreiros sobre o incidente com a cal, mas o fato é que, minimizá-lo, será abrir a possibilidade de o desempenho de todos eles decaírem intensa e irreversivelmente.

(D) Senhor Ministro, é realmente confiável, segundo fontes fidedignas, os números que indicam quão séria é a questão que está sob sua responsabilidade enfrentar antes que se torne definitivamente insolúvel.

(E) Visto a oportunidade imperdível de rever as normas não mais aplicáveis àquele específico grupo de infratores, os legisladores não convenceram-se da necessidade de ver postergado, no último momento, as datas das primeiras reuniões setoriais.

Comentário: A frase clara e correta encontra-se na assertiva (B). Inicialmente, a forma verbal “existem” concorda, adequadamente, com o sujeito “grandes possibilidades”. Por fim, o adjunto adverbial “sim” está intercalado entre o verbo e o sujeito, o que justifica o isolamento por vírgulas.

Vejamos as demais opções:

a) Errada. Na locução “deviam ter havido”, o verbo principal é “haver”, o qual foi empregado no sentido de “existir”. Nesse caso, portanto, é um verbo impessoal, transmitindo sua impessoalidade aos verbos auxiliares. Portanto, a locução adequada é “devia ter havido mais de dez chamadas”. Vale frisar que a expressão “mais de dez chamadas” é objeto direto do verbo “haver”. Por fim, a forma “aonde” deve ser substituída por “onde”, pois o verbo “estar” é estático.

c) Errada. As vírgulas que isolam “minimizá-lo” foram empregadas incorretamente, sem encontrar respaldo gramatical para sua utilização. Por fim, o verbo “decair” deve ser empregado no singular para concordar com seu sujeito, a expressão “o desempenho”.

d) Errada. Inicialmente, o verbo “ser” e o adjetivo “confiável” devem ser flexionados no plural para concordar com o sujeito “os números”: “Senhor Ministro, são realmente confiáveis (...) os números”. Por fim, o trecho explicativo “antes que se torne definitivamente insolúvel” deve ser antecedido por uma vírgula.

e) Errada. Primeiramente, o particípio “visto” deve ser flexionado no feminino, para concordar com o substantivo a que se refere: “oportunidade”. Por sua vez, houve erro de colocação pronominal em “não convenceram-se”. Com palavras de sentido negativo, a colocação deve ser proclítica (antes do verbo): não se convenceram. Por fim, o adjetivo “postergado” deve ser flexionado no feminino plural, para concordar com “as datas”.

Gabarito: B.

20. É frase clara e correta a apresentada na seguinte alternativa:

(A) Nessa época do ano, as enchentes, e mais do que previsíveis, como todos o sabem, transformam a cidade uma paisagem horrenda.

(B) A atividade docente por si só já exerce uma função de liderança nata, e isso é que às vezes a sociedade teme, pois nem todos os mestres primam por ética.

(C) Com a anuência do interessado, revisei o texto e assinalei os pontos que, a meu ver, são os mais sensíveis da questão, e que efetivamente não lhe estariam a favor no caso de querer levar a juízo esse já antigo litígio.

(D) Em detrimento do fenômeno de chuvas intensas, podemos destacar a significativa e essencial parceria entre distintos poderes – o municipal e o estadual – como avanço importante na área de prevenção de tragédias.

(E) Minha expressão de compromisso para com meus pares e o órgão a que passarei a pertencer há de ser demonstrado a cada passo de minha atuação, pela qual sempre zelarei, como venho demonstrando por anos consecutivos.

Comentário: A redação está clara e correta na assertiva (C). Não houve qualquer transgressão ao padrão culto da língua e à clareza da informação no trecho em questão.

Vejamos as demais opções:

- a) Errada. O trecho apresenta alguns erros, a saber: (i) o conectivo “e”, constante do excerto “e mais do que previsíveis”, deve ser suprimido; (ii) faltou a preposição “em” após o vocábulo “cidade”: “transforma a cidade **em** uma paisagem horrenda”.
- b) Errada. Inicialmente, a expressão “por si só” deve ser isolada por vírgulas. Ademais, o trecho “e isso é que às vezes a sociedade teme” está incorreto, devendo ser acrescido o pronome demonstrativo “o”: “e isso é **o** que às vezes a sociedade teme”.
- d) Errada. O vocábulo “prevenção” deve ser grafado com cedilha (ç).
- e) Errada. No trecho “há de ser demonstrado”, houve erro de concordância. O correto é “há de ser demonstrada”, concordando com o núcleo da locução “minha expressão de compromisso”.

Gabarito: C.

POR HOJE É SÓ, PESSOAL!

ÓTIMOS ESTUDOS E ATÉ A PRÓXIMA AULA!

GRANDE ABRAÇO!

FABIANO SALES.

"Gostaria de te desejar tantas coisas. Mas nada seria suficiente. Então, desejo apenas que você tenha muitos desejos. Desejos grandes. E que eles possam te mover, a cada minuto, ao rumo da sua felicidade!"

(Carlos Drummond de Andrade)